



OS PRIMEIROS CUIDADOS



— Qual, destas fantasias, me ficará melhor?

"FLUXO-SEDATINA"

Não ha mais mortes

Em consecuencia de hemorragias nos partos tomando a

"Fluxo-sedatina"

15 dias antes de dar á luz. Evita as dores dos partos, as hemorragias antes e *post-partum*. Cura clicas uterinas em 2 horas, regula os periodos e cura todas as doenças do Utero, Flores Brancas, Inflamações dos ovarios, Suspensão das Regras e todos os males que atacam a mulher. A "FLUXO-SEDATINA" é a salvação das senhoras. Está sendo usada em todas as maternidades do Brazil.

Recommenda-se aos medicos e parteiras

Em todas as Pharmacias e Drogarias



FRUCTAL

**Pó effervescente á base de
saes de fructas**

Laxativo, digestivo, anti-aci-
do e diuretico, muito agra-
davel de tomar, cura as per-
tubações gastro-intestinaes e
regularisa as funcções do ap-
: : : parelho digestivo : : :

Uma unica dose do Fructal alivia
imediatamente qualquer incommodo
do Estomago ou dos Intestinos.

PEÇO NESTA CAPITAL **4\$000**



Manteiga phosphatada SIMÕES

ALIMENTA — NUTRE — TONIFICA

PARA CRIANÇAS E ADULTOS

Nos alimentos e na mesa — A' vontade
PASTEURIZADA - PURA - SABOROZA
Dep. RUA DOS ANDRADAS, 43
RIO DE JANEIRO

COMP. DE LOTERIAS NACIONAIS DO BRASIL

Extrações publicas sob a fiscalização
do Governo Federal, ás 3^h e nos sabbados
ás 3 horas.

RUA VISCONDE DE ITABORAHY N. 45

Hoje, 13 de Janeiro, Ás 3 horas da tarde

100:000\$000

POR 16\$000 EM DECIMOS

Os bilhetes para essas loterias acham-se á venda na sede da
Companhia á Rua 1.º de Março, 88.



DYNAMOGENOL.

O mais efficaz dos tonicos para o systema nervoso e muscular. O mais completo ACCELERADOR DAS FORÇAS E DA NUTRIÇÃO

TONICO DOS NERVOS! TONICO DOS MUSCULOS!
TONICO DO CORAÇÃO! TONICO DO CEREBRO!

E' indispensavel a todos os indivduos cujo trabalho produza a fadiga cerebral, taes como: literatos, jornalistas, padres, professores, empregados publicos, estudantes e guarda-livros. O DYNAMOGENOL é de resultados surprehendedentes nos seguintes casos:

TUBERCULOSE
ANEMIA
CHLORO-ANEMIA
FLORES BRANCAS
FADIGA CEREBRAL
HYSTERISMO
NERVOSO
VERTIGENS
BRONCHITES CHRONICAS
PALLIDEZ
IMPOTENCIA

INSOMNIA
PALUDISMO
PERDAS SEMINAES
CONVALESCENÇA
MAGREZA
DORES DE CABEÇA
FALTA DE APPETITE
FRAQUEZA GERAL
SUORES NOCTURNOS
MÁ DIGESTÃO, ETC.

DYNAMOGENOL

As parturientes não devem deixar de tomar o DYNAMOGENOL, durante a ges-

tação e após a delivrance, pois assim conseguem filhos robustos e ter abundancia de leite rico em phosphato, graças a esta inegualavel preparação. Um só vidro de DYNAMOGENOL representa para a senhora que amamenta mais vantagens que uma duzia de garrafas d'Agua Ingleza.

Vende-se em todo o mundo! —
Deposito: Rua Sete de Setembro, 186





AO 1º BARATEIRO

AS ÚLTIMAS NOVIDADES PARA VERÃO

AVENIDA RIO BRANCO, 100



Que é a felicidade?

A felicidade é o amor. Para ser feliz, é preciso amar. Para amar, é preciso ser forte. E para ser forte, é preciso ter usado o

“SEXUOL”

Remedio providencial, de effeitos assombrosos incomparavel nos casos de Esterilidade — Debilidade sexual — Esgotamento nervoso — Fraqueza senil — Cachexia organica — Inappetencia genesica — Neurasthenia — Pouca virilidade, produzida por excessos.

Preparação opotherapica, feita segundo o methodo de Brown Sequard

Preço do tubo 10\$000

DEPOSITOS:
RIO DE JANEIRO — Hargreaves & Cia.
 Quitanda, 17
S. PAULO — Messias, Andreucci & Cia.
 Drogaria Internacional - R. Quintino Bocayuva, 18

BIOTÔNICO FONTOURA

O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE

Em todas as farmacias e drogarias
 Depositarios. Plinio Cavalcanti & Cia.
 Rua da Alfandega, 147 - RIO

ATELIER IVAN

DESENHO ARTISTICO
 DESENHO COMMERCIAL
 DESENHO INDUSTRIAL

vãr

R. Ouvidor
 133 - 1º Andar
 RIO



Director: CONSELHEIRO X. X.

OS CONTOS DO CONSELHEIRO

Crescei, e Multiplicae!



Foi uma despedida tocante. Não que houvesse á porta alguma banda de musica; mas porque o pae e a mãe da Isaurinha a queriam desesperadamente, e não se conformavam com aquella separação inesperada.

O casamento fôra, realmente, resolvido da noite para o dia. Regressava o coronel Benicio da feira de Uberaba, onde havia vendido a sua boiada, quando, de passagem pela fazendola do Mosquito, conhecera aquella menina encantadora, de dezesseis annos, no maximo.

Certo, a mocinha, pela idade, podia ser sua filha. O coronel andava pelos cincoenta e dois annos, era acaboclado, e, dos onze fios de bigode que lhe haviam nascido, sete, pelo menos, já estavam brancos. Era viuvo ha quinze annos, possuia uns olhinhos de porco, escondidos na palpebra, e, se lhe perguntassem o motivo porque se queria unir a creatura tão joven, elle responderia, apenas:

— Eu não sou, tambem, um «pequeno»?

A Natureza havia sido, efectivamente, parcimoniosa, com o fazendeiro. A sua estatura, mesmo com botas de montar, era tão reduzida, que os estribos da sua sella davam pelos joelhos de quem

lhe utilisava o cavallo. O busto era, mais ou menos, regular; as pernas haviam ficado, no entanto, tão curtas, que se tinha a impressão, ao vê-lo apeado, que elle andava com a barriga no chão. Não obstante isso e, a outras cousas que se murmuravam, afastando as mulheres

que se approximavam do boiadeiro, a Isaurinha casouse, seguindo, com o seu venerando noivo de chocolate, para a sua fazenda da Bôa-Vista, na fronteira de Goyaz.

Quatro mezes passaram-se, sem que se tivesse, no Mosquito, a menor noticia da Isaurinha. A's vezes, pensava-se que, sendo o coronel tão pequeno, a noiva tão moça, e a viagem tão longa, se tivesse o noivo acabado pelo caminho. Isso era, porém, um pensamento que ficava na classe das simples possibilidades, pois que, se o coronel tivesse morrido, a menina teria arranjado um capitão, que desse para completar o trajecto.

A' entrada do setimo mez, quando o pau-d'arco principiava a enfeitar a mata para o concerto vocal das arapongas selvagens, estava Dona Fructuosa com a mão no queixo e o pensamento na filha distante, quando viu surgir na curva do caminho, dos lados de Monte Alegre, uma comitiva, em que havia

DOLCE FARNIENTE ...



— Tu, no chão, quando podias estar na cama?

— Então, menina? Estou descansando...

VESTIDOS
PARA
VERÃO
Na CASA OSORIO custam menos
20 %

Vestidos de Crepe da China em lindas
côres com ricos bordados para
120\$, 130\$, 140\$, 150\$ até 180\$000.

Vestidos de Voile modelos escolhidos
com bordados à mão para 42\$, 45\$,
48\$, 55\$ e 58\$000.

Vestidos de Palha de seda com borda-
dos para 130\$, 140\$ até 170\$000.

TERNINHOS PARA CRIANÇAS

Os ultimos modelos em brim de superior qualida-
de para todas as edades a começar de 8\$000

Gorros de brim — chapeosinhos de palha etc.

CASA OSORIO

Rua Sete de Setembro, 194

(Proximo à Praça Tiradentes)

Teleph. CENTRAL 4996

CASA YORK

Grande venda de

== **SALDOS** ==

22 a 26 ASSEMBLÉA

(ESQUINA DA RUA CARMO)

GRANDE PARQUE DE DIVERSÕES

Empresa: V. Fernandes, Lopes & Comp.

Recinto da Exposição

O PARQUE É HOJE O PONTO CHIC VISITADO DIARIAMENTE POR TODA A POPULAÇÃO CARIOCA

HOJE

HOJE

Funcionarão todos os divertimentos

Aos Domingos, matinée infantil

SALÃO DE DANÇAS — Devido á grande concorrência que tem tido o salão de danças a Empresa resolveu dar
Soir.e chic ás sextas-feiras, das 8 horas da noite á 1 hora.

BREVEMENTE THEATRO CARLOS SAMPAIO — **BAILES A FANTAZIA**

Verdadeiro paraizo terrestre, o formoso Palacio será dentro de poucas horas, o lugar delicioso em que os habi-
tantes desta bella cidade encontrarão a alegria intensa e o riso espontaneo

BANDA DE MUSICA — **ORCHESTRA BARS** — **SALÕES DE LUNCHS** — **SALÕES DE CHA'** — **TRENS**
LILIPUTIANOS — **ENTRADA** : — **1\$ 00**

AMOR FILIAL

Conto de ALPHONSE ALLAIS

Habitavam os dois, pae e filha, numa casita, especie de castello em ruinas, pousada no alto dos rochedos alcantilados. O aspecto da vivenda não dava idéa alguma de opulencia; mas, apesar disso, se adivinhava que os seus habitantes não eram pessoas sonenos. E em breve, até nós sabíamos a historia daquelles dois personagens.

O pae, um velho rochonchudo, de largas mãos mal cuidadas, era um medico da marinha retirado do serviço, que vivia da sua pensão exigua em companhia da sua filha, que era resultado de um tropeço amoroso em uma das suas viagens por terras distantes. Tinha alguns clientes, mas, em geral, os aldeões desconfiavam de um doutor que vivia encapitado nas pedras, em uma casinha que parecia mais uma guarita da alfandega. Quanto à jovem, apesar de ser filha natural, era sobrenaturalmente guapa, formosa, bella, e gentil. Quando sahia do banho, esplendida no seu traje leve, despertava a attenção geral:

— Caramba! Que belleza!...

Outros exclamavam, apenas:

— Caramba!

E outros não diziam nada; mas, nem por isso deixavam de render homenagem, intimamente, àquella mocidade maravilhosa. Si as mulheres a olhavam com desdém, os homens se apaixonavam, logo, com dois dias de vista.

Certa manhã, meu amigo Jack Forster, poeta inglez vigoroso e fleugmatico, foi procurar-me em casa, e me disse, com aquella pronuncia de que só elle tem o segredo:

— Minha amigo. Este senhorita está tão bonita que mim, está apaixonado. Mim, pensa possuir ella breve praso. Sua conselho?

— Faça o que lhe der na veneta! — respondi.

— Muita brrigado. Serr isso mesmo eu pensava fazerr.

No outro dia, encontrei-o. Estava radiante.

— Mim pode contrarr sua diserreção?

— Sou um sepulcro.

— Muita bem. Carrmen, hontem, dormiu minhas brraços.

— Ah! — fiz eu, surprehendido.

— Só exigiu um condição. Filha exemplarr! Momento suppremo, ella perguntar: «Senhorr fica muita tempo este terra»? — «Até outubro», — eu responderr. — «Pois, bem: Senhorr prromette si cahir doente só chamarr minha papae currar senhorr? Papae estarr bom medico». Eu prrometter. Filha exemplarr, Carrmen!

Uma semana depois, estava eu no «bar», quando passou Foster.

— E Carmen?... — perguntei.

— Carrmen?... Ser uma bella jovem, que amar demasiadamente sua papae.

Alguns amigos entraram no instante, eu não insisti; momento depois, porém, a conversa recaiu, de novo, sobre Carmen. Forster falou della com transbordante enthusiamo, e, como algum falasse na «Mulher de fogo», de Balot, o inglez o interrompeu, brutalmente:

— Não tornarr falarr, senhorr, sua Balot. «Yulherr de fogo», comparrada Carrmen é simples «icceberg»!

E, ao dizer isso, os seus olhos faiscavam.

A' hora do almoço, sahimos do «bar», ficando ahi, apenas, o inglez e um rapaz que estava commosco. Que se ficariam dizendo, os dois? Não sei; o que é certo é que, no dia seguinte, o rapaz affirmava, tambem:

— Que mulher, a Carmen! Impoz-me, apenas, uma condição: que, se adoecece, chamasse o sen pae, para curar-me!

Essa scena foi se repetindo, aos meus olhos, dia a dia. Certa manhã, enfim, encontrei o doutor, que havia estreado uma ralora nova, e cara, e um chapéo insolente, que não devia ter custado barato.

— Olá, doutor! Felo que vejo, os seus negocios vão de vento em pópa...

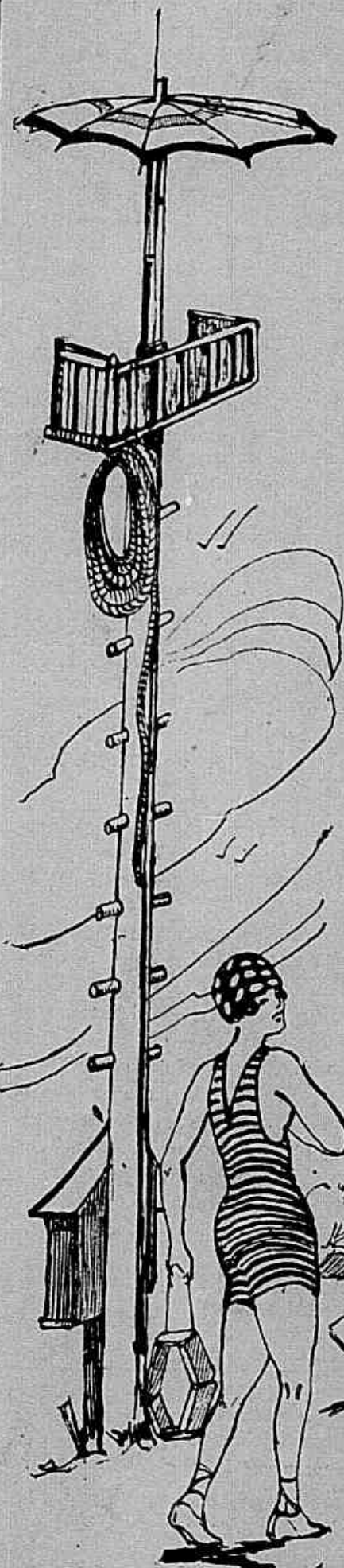
— Os meus? Não posso queixar-me... Sale? — informou-me o pae de Carmen, num riso feliz. — Tem corrido a mim, estas ultimas semaras, uma verdadeira legião de clientes, moços, maduros, e até velhos! Você não imagina! E todos enfermos do mesmo mal!

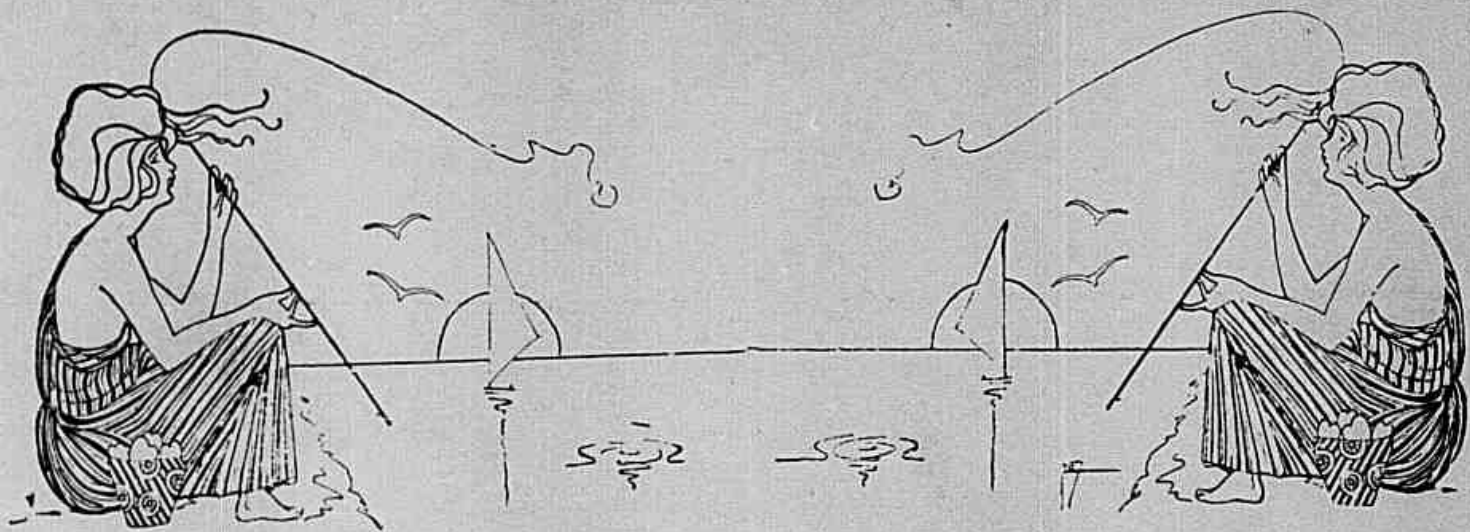
E pisando-me o olho, brejeiro:

— E que mal, meu velho! que mal! Não fôsse o segredo profissional, e que cousa eu lhe contaria!...

Pela traducção

Adão & Eva





As attribuições do Exército

Conto do Tenente Martins

O pequeno destacamento do 46 de caçadores, comandado pelo cabo Juventino, acabava de acampar á sombra de uma oiticica, nas proximidades do córrego Dois de Julho, a vinte leguas de Corumbá, quando se ouviu, na estrada, o tropel de um cavallo esquipador.

— E' um paisano! — informou, com desprezo, um soldado, sentando-se numa raiz da arvore.

Um minuto mais, estacava diante da tropa, depois de saudal-a, o capitão Joaquim Benicio da Silva, sertanejo de quatro costados, dono da fazenda «Eôa-Esperança» e que montava, na occasião, um dos melho-res «quartãos» d'aquellas varzeas creadoras. Chegou, e foi, logo, dizendo:

— «Seu» cabo, eu vim aqui pedir a ajuda da força, p'ra modo matá uma onça pintada, que está, desde hon-tem, acuada no Sumidouro, a meia legua d'aqui. E' um

serviço que o governo nos presta, nos ajudando a acabar com aquelle diabo!

Farda desabotoada, deixando apparecer a camisa de zephyr ordinario, escura e suada, o cabo ouviu, com in-differença, o pedido do fazendeiro. Estava a picar fumo pa-ra um cigarro, e assim ficou, durante algum tempo. Cal-mo, o sertanejo esperava a resposta. E aguardava-a ainda quando Juventino indagou, com ares superiores, como quem tem a consciencia da sua responsabilidade:

— Essa onça é «federá» ou «estaduá»?

E como não obtivesse resposta:

— Si é «federá», a força vae; se é «estaduá», a Policia que mate!

E accendeu o seu cigarro, tranquillo.

Tenente Martins

trez cavalleiros e dois animaes com bagagem. O seu coração, que a não enganava, começou a bater com mais força; e foi com as pernas tremulas, e os olhos turvos, que se levantou, segura ao portal, ao reconhecer em uma das viajantes a sua Isaurinha, em cujos olhos havia, ainda, o vestigio cin-zento das lagrimas.

— Minha filha!... — gemeu a pobre senhora, recebendo nos braços magros o corpo da creatura querida.

Saciadas as primeiras saudades, recolheu-se Dona Fructuosa á humilde sala da casa, para ou-vir da companheira de Isaura, o recado do coronel. Este era conciso, nas suas explicações. Casara-se com a menina na esperanza de cumprir ainda o seu destino de homem, offerecendo á patria uma próle forte, vigorosa, varonil. Isaura recusara, po-rém, o papel de collaboradora nessa obra patrio-tica, e, como elle constituia familia para ter uma

esposa, e não uma filha, devolvía-a, como a rece-bera, á companhia dos paes.

Desolada com o que acabava de saber, Dona Fructuosa chamou immediatamente a filha, fa-zen-do lhe um sermão.

— E's uma tôla, uma idiota! — exclamou, in-dignada. — Então, tu não viste na propria Biblia, que Jesus, Nosso Senhor, foi o primeiro a dizer: Crescei, e multiplicaes-vos? Tu não lêste? Dize?

— Eu li, sim, senhora, — gemeu a menina, os olhos baixos; — mas...

— Mas, o quê?

— Mas... o coronel... não cresceu! — con-cluiu, ruborizada, a menina.

E debulhada em pranto, o rosto nas mãos:

— Nem uma vez, mamãe!...

X. X.



Dentifricio medicinal, o unico que evita a carie e o mau halito.

Uma experiencia custa apenas: liquido: 2\$500
Pasta: 2\$000

A venda em toda parte — Em São Paulo: Casa Lebre — Deposito geral: Casa Hermann, & Co.

ARISTOCRACIA MUNDANA



ALVARO DE TEFFÉ

ARISTOCRACIA MUNDANA

ALVARO DE TEFFÉ



Da meia dúzia de filhos postos no mundo pelo sr. Barão de Teffé, um havia que se distinguia entre os outros pelas suas maneiras aristocráticas. No dia seguinte ao do seu nascimento, verificado em 1876, as pessoas da família notaram, logo, que o menino possuía uns modos graves, solenes, elegantes. Empinadinho, durinho, tezinho ao ser metido na banheira, foi com dificuldade que o sentaram, para esfregar-lhe o sabonete. E foi um escândalo na casa quando, dias depois, a ama do piralho correu a chamar a sra. Baroneza, afim de mostrar a habilidade do garotinho, encastoadando no olho esquerdo, á maneira de monóculo, a rodela da chupêta.

Os acontecimentos políticos da época não eram, de maneira alguma, tranquillizadores, quando, em 1886, o sr. Barão de Teffé tomou uma resolução: fazer uma viagem á Europa, com a família, aguardando, ali, o estouro da bomba. E estava em Paris, já, ha dois annos, quando chegaram á França os imperadores depostos, dos quaes o almirante-barão havia sido um dos melhores servidores, e um dos sustentáculos mais fortes, na campanha do Paraguay.

A ausencia dos Teffé, no movimento de 15 de Novembro, fez com que a Republica não guardasse suspeitas do velho servidor do throno. O seu nome valia, certamente, por uma força, na Marinha. Isso não impediu, entretanto, que, 1895, o bravo de Humaytá regressasse ao Rio com a família, integrando-se, de novo, na actividade brasileira. E era aqui que quatro annos depois, Alvaro de Teffé recebia, com vinte e tres annos e um monóculo, o diploma de bacharel em Direito, e de doutor em elegancia, impressionando a rua do Ouvidor com o seu soberbo porte de principe.

Alvaro de Teffé tornara-se, realmente, um bello rapaz, e um dos galans mais impressionantes da velha Sebastianopolis. Habitado a frequentar, na cidade Luz, os theatros que caricaturam a vida parisiense, era com verdadeiro encanto que posava á esquina do Gonçalves Dias ou da rua dos Ouriveis, o monóculo no olho, a mão esquerda na cintura, a direita apoiada na bengala de castão de ouro, na posição classica dos figurinos de alfaiate. E era assim que via desfilar o Rio de Janeiro, cujas mulheres se voltavam, lisonjeadas, ao serem atingidas por uma simples faisca d'aquelle vidro estontecedor.

Casado com uma senhora de fortuna e de espirito, sustentava o moço parisiense uma das novas esquinas da Avenida, quando ali o foi buscar Quintino Bocayuva, elevado, de vespera, á presidencia do Estado do Rio.

— Ha quanto tempo você aguenta parêde, aqui, na cidade? — indagou o presidente fluminense.

— Ha uns seis annos.

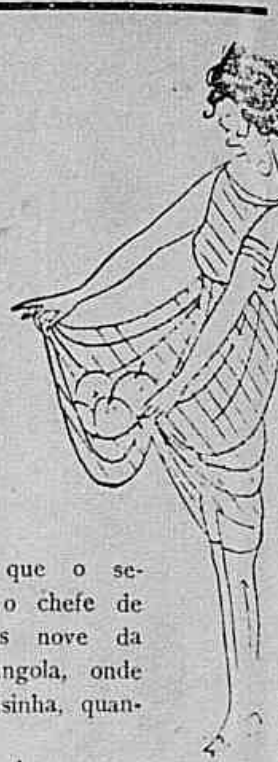
— Então, deve conhecer a população toda... Não?

— Conheço-a toda.

Quintino pensou um momento, coçando o queixo. De repente, resolveu:

— Então, está empregado; você vae ser chefe de Policia em Nictheroy!

Mudado para a Praia Grande, começou para o antigo «mirone» da rua do Ouvidor uma vida nova. Amigo do presidente do Estado, iniciou uma série de viagens ao interior, visitando, sosinho, os municipios, demorando-se, nessas excursões, semanas inteiras. E mal chegava em Nictheroy,



era para tomar novo rumo, de maleta na unha e monóculo encastoadado, como se o patriarcha da Republica fizesse questão de espantar os seus subditos, da ponta do Retiro á serra do Picu', com o espectáculo atordoante d'aquelle elegancia parisiense.

Cançado daquelle vida itinerante, que o separava da esposa seminas a fio, havia o chefe de Policia recebido ordens para seguir, ás nove da noite, com destino a Natividade de Carangola, onde uma preta havia furtado uma franga da vizinha, quando declarou, firme ao presidente:

— Não, senhor; eu vou para mais longe.

E antes que o outro cahisse das nuvens:

— Embarco, amanhã, para a Europa, e levo a família!

Administrador de uma grande fortuna, que lhe chegara ás mãos com o anel nupcial, installou-se o principe de Teffé em Paris, onde a residencia do casal se tornara, pelo bom-gosto, pelo conforto, pela graça da intimidade, harmoniosa, a Mecca dos brasileiros em excursão. D'esse templo de luxo atordoante, fala-nos Carlos Malheiro Dias, que o visitou, nuna chronica admiravel. As almofadas, os bronzes, os marmores, os tapetes, os moveis antigos, tudo isso emprestava ao palacete uns ares de palacio de fadas. E para completar o quadro, a figura espiritual de madame, senhora de «elite», com uma cultura encantadora, uma vivacidade surpreendente, e uma distincção como só a tem as brasileiras, quando aperfeiçoadas em Paris.

Foi ahi, nesse ambiente maravilhoso, que o marechal Hermes, eleito presidente da Republica, teve a felicidade de conhecer o casal. Jantares, almoços, passeios, e, em breve, chamava o marechal em particular o dono da casa, insistindo com elle:

— O senhor vae commigo para o Brasil. Preciso dos seus serviços.

E um anno depois, estava o principe de Teffé no Rio de Janeiro, como secretario da Presidencia da Republica, emprestando a esta, com as suas aptidões aristocraticas, o cunho de elegancia, de distincção e de graça mundana que o velho soldado, affeiçãoado ao convívio da tropa, não lhe podia dar.

Foi esse o periodo mais agitado, talvez, da vida do moço parisiense. Atacado pelos jornaes, que o consideravam mentor do Presidente militar, teve de enfrentar situações graves, que reclamavam soluções delicadas, no campo da honra.

O seu primeiro duello foi com o ministro Luiz Piza, que se achava em Paris. Desafiado para um encontro pelas armas, acceitou. E o duello travou-se... por telegramma, em golpes de descompostura formidaveis, sahindo ferido, ao fim de tudo, apenas o Thesouro, — pois que o contendor d'aqui telegraphava á custa do Catteté, enquanto o de lá respondia, em centenas de palavras, com a verba da Legação.

Um dia, o «Correio da Manhã» fez uma insinuação. Melindrado, Alvaro de Teffé escreveu uma carta a Edmundo Bittencourt, pedindo a reparação indispensavel. Edmundo acceitou; as armas que escolheu eram, porém, tão rudes, tão exquisitas, e tão imprevisas na chronica dos duellos, que o autor do desafio riu, elle proprio, da originalidade da proposta...

Nos ultimos dias do governo Hermes,





A ULTIMA PENA

Chronica de GIOVANI MORELLI

Conta Edmundo D'Amici no seu volume sobre «Constantinopla», que, de passagem pela cidade do sultão, foi bater, uma noite, à porta da legação da Italia, um turco ainda joven, que desejava uma gentileza. Ha alguns metros d'alli, no quarteirão proximo, estava à morte um rico senhor, dono de um grande harem e de uma grande fortuna, aos ouvidos do qual havia chegado a noticia da sua presença na cidade. Medico dos mais competentes, o autor do «Cuore» acompanhou o emissario, ficou algumas horas à cabeceira do doente, e, quando se retirou d'alli, o palacio estava em regosio, pela salvação do infiel.

Essa cura, como era natural, fez crescer enormemente o prestigio do grande escriptor italiano. E de tal forma que, ao retirar-se elle da residência do enfermo, um eunuco, de face opilada e olhos mortos, se lhe atirou aos pés, indagando, num diluvio de lagrimas:

— E eu, doutor? Tu não sabes de um remedio para o meu mal?

Era sobre essa classe de infelizes que se conversava, ha dias, na Academia de Medicina, quando o sr. dr. Bruno Lobo, que esteve no Egypto e na Turquia ha poucos annos, e acompanha com interesse a evolução social daquellas terras distantes, observou, informativo:

— Actualmente, a situação desses desgraçados é peor do que outr'ora. Si alguns «beys» capitularam diante dos costumes occidentaes, outros ha que se tornaram mais barbaros, mais sanguinarios, mais intransigentes. Eu proprio verifiquei, na Trebizonda, quanto é perigoso esse espirito de represalia, que começava a se propagar no Oriente.

Pessoas interessadas no assumpto, aproximaram-se, bebendo as palavras do illustre director do Museu. Oculos faiscantes, o professor Rocha

Vaz mastigava no vacuo, recapitulando, mentalmente, as suas lições da Faculdade. E o dr. Bruno continuou:

— O martyrio infligido aos guardas do harem, por exemplo, tornou-se mais selvagem do que nunca. No tempo em que a Europa não se incomodava com a humanidade oriental, o guarda do harem, na Turquia, soffria apenas um supplicio, que o incapacitava para trahir o seu senhor. Feito isso, tinha vida livre, penetrava no gymneceu, conversava com as esposas do seu amo, compensando de algum modo a desgraça que o inutilisara para o resto da vida. Hoje, a situação desses pobres diabos é peor.

— Peior? — estranhou o dr. Belmiro Valverde.

— Peior, sim. Antigamente, o guarda do harem só era inutilisado para não multiplicar a prole do amo. A Europa entendeu, porém, que o harem constituia um crime contra a civilização, e resolveu perseguir aquelles que o possuissem. Um serviço de espionagem foi organizado, em todo o Islam; e como as denuncias que apreciavam eram, na sua maior parte, levadas pelos guardas das mulheres, os donos d'estes, para não serem trahidos, submettem essa classe de escravos a outra mutilação, que os inutiliza para tudo, até para falar.

Como todos o olhassem, interessados, o jovem professor explicou, entre o pasmo geral:

— Cortam-lhes a lingua!

E morden a sua (d'elle) com horror.

Giovani Morelli



Anthologia Galante

A NOITE DE NUPCIAS

(Pag. da MARTA, de Medeiros e Albuquerque)

«Quando entramos no carro, caminho de caça, ele já estava meio tonto. Foi pelo menos a impressão que tive. Conservou-se algum tempo silencioso, mas agitado. Parecia ter uma grande preocupação. Sacudia as luvas nervosamente.

«Disse-lhe algumas palavras, perguntando-lhe si estava indisposto. Ele não me respondeu. De repente, porém, voltou-se para mim, abraçou-me e beijou-me. Foi um abraço brutal, agarrando-me com força. Os que se empenham em luta romana devem apertar-se com essa energia. Vários botões do meu vestido saltaram, arrancados. Quasi despedaçou-me o véu. E quando ele pousou a boca na minha, fedia de tal modo a vinho, que eu tive uma sensação horrível de repugnância.

«Era o desvairamento dos tímidos, que, quando querem ir de encontro ao seu natural, vão sempre mais longe do que é preciso.

«Felizmente, já tazia noite; ninguém nos via.

«Chegados à caça, notei com terror que ele estava com os olhos injectados de sangue e literalmente fóra de si. Minha criada, uma bôa criada de muitos anos, adiantou-se meiga, os olhos cheios de uma extática admiração: — Como sinházinha está bonita!

«Mas meu marido, com um gesto brutal, expulsou-a. Nem quiz que ela me ajudasse a despir. Empurrou o chapéu para a nuca e começou a fechar a caça, despedindo ao mesmo tempo os criados.

«A embriaguez era evidente. Eu estava trançada de terror. Até onde iria o poder do álcool nesse bruto, não acostumado a ele?

«Junto do meu quarto, havia um pequeno oratório com um bello crucifixo. Ajoelhei-me, rezando.

«De súbito, fechada toda a caça, elle veio — e o que se passou então foi uma couza horrível, uma couza inominável. Ainda hoje, em que eu pela primeira vez conto esta cena, toda eu vibro de cólera e de nójo ao recordá-la.

E, de fato, Margarida tinha ficado terrivelmente pálida, só de pensar no velho episódio. Os olhos dela pareciam dilatados de terror. Calou-se um pouco. Duas lagrimas assomaram à beira dos cílios, rolaram, caíram.

Nisto, um beijo de Leopoldo a fez sair daquele estado. Tremeu, como acordando de um sonho, e continuou:

«Eu estava ainda de joelhos, rezando quando meu marido entrou, tomou-me pelo braço fez-me cair sobre a cama e procedeu comigo bestialmente, como um carregador bebado procederá com uma mulher do povo, num corredor escuro, atirando-a por terra... Estávamos ambos vestidos. O chapéu dele, inclinado para a nuca, tinha caído. Na fúria, ele rasgára, amarrotára meu vestido... Beijava-me com a boca pastosa, fedendo a vinho, por cima mesmo do véu.

«Quando quiz levantar-me, não teve tempo e uma goliada de vômito sujou-me o véu, o vestido e o collo, respingou mesmo no meu rosto. Eu o senti rolar para um lado e ficar pezadamente dormindo, também ele imundo, com a cazaca e o peitilho da camisa cheios de vômito, que lhe escorria da boca semi-aberta...

«Tu não podes imaginar o que foi para mim essa noite! A mais miserável das mulheres prostituídas a quem isso tivesse acontecido, mereceria compaixão. Pensa, porém, como o meu caso era mais doloroso: o caso de uma moça, para o qual o dia do casamento constitui sempre o dia maximo de todas as esperanças, de tudo quanto é belo e poetico...

«Eu não sabia como erguer-me dali, receioza de sujar-me cada vez mais com aquele vomito asqueroso. Afinal, num impeto, arranquei, rasgando-a, toda a roupa que tinha sobre mim, — e suja, e maguada corri para o banheiro. Meu marido, continuava a dormir, deitado de costas, a boca meio aberta, a barba escorrendo de vomito...

O odio com que eu o olhei! O odio com que eu dezejei, com que tive a esperança de que uma conjestão cerebral o fulminasse alli mesmo!

«Vagamente eu me lembro, que, saída do banho, achei sobre a meza da sala de jantar uma garrafa de cognac, de que meu marido bebera um cális; tomei um copo. Estava certa de que não resistiria àquella doze brutal. Encontraram-me de manhã, caída junto ao crucifixo, para ande certamente eu fóra rezar e onde a embriaguez me vencêra.

«Que torpe entrada na vida conjugal a desse casal, cuja primeira manhã encontrava o marido, caído, bebado, sobre um leito maculado de vomito, e, por cumulo, a mulher também ébria, por terra!

Medeiros e Albuquerque

do qual se tornara cunhado, foi nomeado ministro plenipotenciario num paiz europeu. Assignado o decreto, verificou-se, porém, que a nomeação era illegal. Modificou-se o acto, e, depois de muito retoque, ficou resolvido que, onde estava «ministro plenipotenciario», se lesse, simplesmente, «secretario de legação».

Perto, já, dos cinquenta annos, ouviu o moço diplomata dizer, por bocca impura, que elle vivia de um dote, e não do proprio trabalho. Espirito sem preconceitos, propoz a separação dos bens do casal, restituindo á dona tudo o que lhe pertencia. Feita a partilha dos haveres, a proprietaria sahio com os seus cinco mil contos,

ficando elle, cabeça do casal, com o seu monoculo, os seus ternos brancos, a sua bella figura de «gentleman», e, atraz da orelha, uma caneta de ouro, que lhe coubera ao ser nomeado pouco antes, escrivão do registro de letras.

Hoje, está Alvaro de Teffé, aos cinquenta annos, tão moço e tão galhardo como aos vinte. E é com essa alma dos vinte annos que frequenta os bailes, as casas de chá, os circulos elegantes, fixando, insolente, em cada silhueta feminina, o seu desabusado monóculo parisiense...

Brumell



O PAE INDISCRETO

OU

A MENINA MALICIOSA

Conto de JOÃO FORTUNATO



Orphã de mãe desde os doze annos, Therezinhá Mattos foi creada, pode-se dizer, na casa dos

MOMENTOS DE PERIGO

visinhos. O pae sahia de manhã para o emprego e voltava á noite. E o resultado dessa educação, foi tornar se a menina, aos dezesete annos, uma dessas creaturinhas levianas de que ha milhares na cidade, as quaes não pensam senão em bailes, em cinemas, em pic nics duvidosos, nos rochedos das ilhas ou na proximidade das mattas misteriosas. Os namorados passavam pelo seu coração como o pingó d'agua pela folha da planta: sem deixar signal. Cada um servia um dia, dois, e ia se embora, sem despertar saudades nem levar resentimentos.

Jogador incorrigivel, o velho Mattos não indagava, sequer, por onde a filha passava o dia, nem que pessoas lhe atravessavam o batede da casa. Tinha, apenas, a consciencia de que era uma

leviana, mas, ou por medo da verdade completa, ou por simples remorso, não queria entrar em particularidades.

Foi, por isso, com estranhesa, que, no dia seguinte ao de um pic-nic nas Paineiras, o velho, que estava á mesa do almoço, viu chegar a filha,

que o beijou na testa, com ares de circumstancia.



— Quem vem lá?

(Des. de LUP)

E escondendo o rosto nas mãos:

— Isso é pergunta que se faça?!...

— Papae, — começou a mocinha, — eu tenho uma cousa a communicar-lhe: o sr. Mendes, aquelle rapaz dos Correios, prometeu, hontem, durante o pic-nic, casar comigo.

— O Mendes?... — fez o pae, arregalando os olhos. — O Mendes, dos Correios, prometeu casar contigo?

— Prometteu, sim, senhor.

— Onde estava elle com a cabeça, quando te prometeu isso? — tornou o velho, no seu espanto.

A essa pergunta, Therezinhá ficou muito vermelha, muito encarnadinha, numa perturbação de metter pena. E foi perturbada, vermelhinha, encarnadinha, que respondeu ao velho, num muchôcho gracioso:

— Oh, papae!...

João Fortunato



FIGURAS NACIONAES



FRANCISCO VALLADARES

(Des. de LUP).

A HONRA DOS BROSSARBOURG

Conto de GEORGES COURTELINE

A BARONEZA — Esposo meu! Chegou o momento de confessar-vos alguma cousa terrível. Nossa honra, a honra dos Brossarbourg, até hoje immaculada...

O BARÃO — Que dizeis, senhora? A honra dos Brossarbourg?...

A BARONEZA — (*com dolorosa solemnidade*) — Senhor de Brossarbourg! Vossa honra está para sempre manchada!

O BARÃO — (*com entonação terrível*) — Vosso cúmplice! O nome do vosso cúmplice, senhora! Necessito afogal-o em seu próprio sangue! Seu nome, promptamente!

A BARONEZA — Ignoro-o!... (*assombrado do Barão*) E' uma historia terrivelmente tragica. Ouvi-me, e julgae-me. Estaes lembrado de que no mez de novembro vieram passar uns dias no castello varios amigos vossos. Eram elles o visconde Lamothe, o cavalheiro de Mepier, o senhor de Poilu-Budin, o general barão de La Roussardiére...

O BARÃO — O doutor Bondegrave, e Oscar Poutrepet. E então?

A BARONEZA — Dois dias depois da chegada de vossos hospedes, achava-me eu nos meus aposentos, mudando de roupa interior. Havia attingido o momento psychologico em que a extremidade inferior da camisa, subindo ao nivel da nuca, fica enganchada nos grampos do penteado. Luctava eu para desvencilhar a cabeça desse envoltorio, quando ouço, com terror, abrir-se a porta atraz de mim, e exclamar, numa voz masculina: — « Raios do céu! como isto é lindo! »... No mesmo instante, senti uns dedos audaciosos me roçarem a pelle, no lado inferior das espaldas... (*Pudicamente*) Corramos um véo sobre o que houve. Quando enfim pude arrancar a cabeça de entre as pregas da maldita camisa e passeiar em torno um olhar de nobre indignação, o indiscreto havia desaparecido, deixando uma nodosa indelevel no brazão dos Brossarbourg.

O BARÃO — (*soltando uma gargalhada*) — Mas, como? Não reconhecestes a voz?

A BARONEZA — Pela baixeza da expressão, suppuz reconhecer Poutrepet, e, no mesmo instante, me dispuz a apurar a verdade, arrancando ao falso gentilhomen a confissão da sua felonía. Para isso, o convidei para uma entrevista á meia-noite. A' hora fixada, abri-lhe a porta do meu aposento, repartindo com elle o meu leito...

O BARÃO — Heim?!...

A BARONEZA — Sim, esposo meu. Occultei sob o travesseiro meu punhal envenenado, resoluída a levar a cabo a minha vingança ao ter a prova do seu miseravel procedimento. Quando o vi prestes a exhalar a alma na embriaguez do beijo supremo, disse-lhe, com perfido sorriso, passando-lhe os braços pelo pescoço, numa expressão de fingida ternura: « Confessa tudo, meu amor! Não é verdade que foste tu que entraste hontem no meu aposento, no momento em que eu mudava de camisa? » E enquanto dizia isso acariciava o cabo do punhal. Mas elle respondeu: « Como?

Não entendo! », com tal accento de sinceridade, que minhas suspeitas se dissiparam.

O BARÃO — (*enxugando o suor que lhe banha a fronte*) — Uff!...

A BARONEZA — Minhas duvidas recahiram, então, sobre o senhor de Poilu-Budin, cujos olhares libidinosos haviam mais de uma vez chamado a minha attenção. Desejosa de vingar a honra dos Brossarbourg, usei do mesmo procedimento anterior, convencendo-me, igualmente, da sua innocencia.

O BARÃO — (*cujos olhos saltam das orbitas*) — E, com certeza, suspeitastes tambem do barão de La Roussardiére.

A BARONEZA — Exactamente. Por desgraça, minha terceira tentativa resultou igualmente infructifera. tocando, então, o turno ao cavalheiro de Mepier...

O BARÃO — E logo ao doutor Bondegrave...

A BARONEZA — Depois, ao visconde Lamothe, e mais tarde ao nosso cocheiro. Agora, vou fazer a experiencia com o porteiro.

O BARÃO — (*fôra de si*) — E' verdade, senhora, que sois mais estúpida que todos os porcos do mundo, juntos. Que meu rosto se cubra de cicatrizes, se pensei, jamais, que pudessem sobrevir taes consequencias da minha innocente brincadeira d'aquelle dia.

A BARONEZA — Ah!... Mas... Então, fostes vós?

O BARÃO — Sim, Senhora! Fui eu...

A BARONEZA — Louvado seja Deus! Alegra-me saber isso! Pois, á duvida de que o culpado fôra o porteiro, se misturava o indizível terror de que pudesse ter sido aquelle immundo creado preto, que trouxestes de Marrocos!...

G. Morelli

A Exposição

Vindo de Jahú, onde fixou residencia, o poeta paulista Octacilio Gomes fizera a viagem para ver a Avenida das Nações, com os seus pavilhões, os seus palacios, as suas maravilhas proclamadas pela imprensa. Quatro dias após a sua chegada, estava ainda o poeta na praia do Flamengo, debruçado no caes, a olhar a multidão feminina que se agitava em baixo, ao contacto da onda, numa exhibição resplandecente de pernas, de braços, de carnes maravilhosas.

— Não vou mais á Avenida das Nações! — exclamou, encantado.

E com entusiasmo:

— Isto, sim! Isto é que é « exposição »!...

A senhora que procurava creada

Conto de RODOLPHO BRINGER

Mme. Gomes procurava, anciosa, uma bôa creada, artigo que se torna, dia a dia, mais raro, mais escasso,

no mercado nacional. E' verdade que, por sua parte, a illustre senhora fazia um consumo exaggerado dessa mercadoria. Um amigo da familia, dado a estatisticas, calculou que os homens de uma população de seiscentos mil habitantes, deviam trabalhar duzentas e sessenta noites cada anno, para supprir de pessoal domestico esta illustre dona de casa.

Esse calculo é, sem duvida, excessivo; o certo é, porém, que Mme. Gomes, em um anno, não teve menos de vinte e nove arrumadeiras, que abandonaram a casa depois de terem permanecido nella entre trinta e cinco minutos e onze dias. Havia a formosa dama adquirido mesmo tal popularidade nas agencias de collocação, que, ao vel-a approximar-se, as candidatas desapareciam de repente, preferindo os azares da vida alegre ao serviço de uma creatura tão difficil de satisfazer.

Mme. Gomes era, por outro lado, muito dona do que era seu. O ordenado que o marido ganhava no emprego publico, era insufficiente para cobrir as necessidades do lar; e isso a havia obrigado a dar ao esposo um substituto eventual, não por vicio, mas por generosidade com o companheiro, afim de equilibrar a contabilidade do matrimonio.

Esse substituto era nada mais, nada menos, do que o honrado sr. Carlos Heitor, personagem que desfructava as vantagens de uma bella fortuna, adquirida não honradamente pelo seu pae, e que passava pela vida, com seu craneo pellado e o seu bigode amarello, uma alma de romance e um desejo, nunca saciado, de bôa conducta. Elle proprio declarava admirar sinceramente a paz conjugal, e, por isso, dizia, sempre, a Mme. Gomes:

— Si eu encontrasse um dia uma mulher como tu, meu amor, eu não teria a menor duvida: casava-me com ella immediatamente.

Ao ouvir essa declaração, Mme. Gomes sorria, lisongeada. A sua modestia não impedia, entretanto, que ella retrucasse, afirmando que as mulheres do seu feitiço não andavam ás duzias, pela rua.

A illustre senhora, como atraz se dizia, precisava de uma servente, e, como as agencias de creadas lhe esnovessem vedadas pelos prejuizos que lhes havia dado, encarregou o sr. Carlos Heitor de arranjar-lhe uma, dando-

lhe para isso algumas indicações preliminares.

— Você já sabe meus gostos; não é? Quero uma joven que se vista bem e de physico agradável, pois não ha nada peor do que ter á vista, permanentemente, uma cara feia. Tem que ser bem educada, intelligente, e falar correctamente o vernaculo, sem que, no entanto, viva dando com a lingua a todo instante. E' indispensavel que seja boa cosinheira e saiba lavar, costurar e engommar. Não é preciso dizer que exijo uma conducta exemplar e uma virtude feroz. Deve ser inacessivel a bombeiros, artilheiros, marinheiros, e demais militares. Quero que saiba economisar, para que tenha a minha confiança. O que eu desejo não é, como vê, difficil de encontrar. Quanto ao typo, não quero ser exigente: pode ser morena, ou loura.

Inteirado dessas condições, o excellente Carlos Heitor prometeu fazer o possivel para satisfazer os desejos da sua grande amiga. Parece, entretanto, que não empregou todos os esforços promettidos, pois, ao fim de um mez, não havia encontrado ninguem com todos os requisitos.

Durante trinta e uma noites, aguardou Mme. Gomes, inutilmente, o seu bem amado, attribuindo, no entanto, essa ausencia, a alguma enfermidade. Como, porém, oito dias depois, permanecesse o mesmo silencio, correu a distincta senhora á casa do amante, batendo-lhe á porta.

— O sr. Heitor está em viagem, — informou um creado, que a attendeu.

— De viagem? Sem despedir-se de mim? — estranhou a dama, intrigada — Que quer dizer isso?

A explicação do enigma chegou-lhe, completa, alguns dias mais tarde, numa carta do respeitavel «gentleman», que lhe dizia assim:

«Querida amiga: — Após uma infinidade de decepções, consegui encontrar uma servente, nas condições do seu pedido. Mas, ao ver reunidas em uma só mulher tão bellas qualidades domesticas e moraes, não vacillei um só momento, e casei-me com ella. Offereço-lhe, minha querida amiga, o testemunho da minha consideração mais distincta. — Heitor.»

A' leitura dessas linhas, Mme. Gomes e a ponto de desmaiar. Hoje, porém, está occupada em procurar nova creada, e mais preocupada, ainda, em arranjar um substituto de Carlos Heitor, que lhe ajude a prover os gastos da casa.

Athanasio Junior



OS MESTRES

INCRUENTO

Vamos lá! disse a minha espirituosa amiga dona Henriqueta, — vamos lá! O senhor ás vezes escreve contos que uma senhora não póde ler sem corar...

— Ora, essa! peço-lhe que me cite um só desses contos!

— A Filha do patrão, por exemplo...

— Confesso-lhe, dona Henriqueta, que não me lembro absolutamente do assumpto.

— Pois eu avivo-lhe a memoria: trata-se de uma rapariga, filha de certo commendador abastado, que ama um rapaz sem posição nem fortuna.

— Ah! já sei: o rapaz pede-a em casamento, e o commendador, por unica resposta, póe-no a pontapés no olho da rua.

— O namorado rapta a pequena.

— Dous ou tres dias depois de raptada, a menina volta para casa do pae, acompanhada pelo seductor; calculam ambos que, naquellas condições, o velho não tem outro remedio senão abençoal-os e casal-os.

— Vejo que o senhor se lembra perfeitamente do que escreveu. — O pae deita pela segunda vez o seductor pela porta fóra: prefere que a filha fique des-honrada a casar-a com um valdevinos.

— Então? que inconveniencia tem esse conto?

— Até ahí nenhum; o final, porém, é terrivel: o commendador convence a pequena de que deve ser esposa do seu primeiro caixeiro, e ella deixa-se convencer.

— Vae então o velho, chama de parte o caixeiro, diz-lhe que está satisfeito com os seus serviços, dá-lhe interesse na casa e propõe-lhe o casamento; é isso?

— E' isso, é; o moço fica attonito diante de tão inesperadas fortunas; mas o futuro sogro...

— Previne-o de que a filha não é virgem.

— Ora vejam se isto, são coisas que se escrevam!

— O primeiro caixeiro abaixa a cabeça, aóre um sorriso humilde, encolhe-se e diz: — Oh, patrão, ainda que fosse não fazia mal.

— O cynismo com que o senhor repete essa bregeirice, aqui, diante de uma senhora!

— Valha-me Deus, dona Henriqueta! vejo que infelizmente vim encontral-a numa terrivel disposição de intolerancia. Esse conto não perverte ninguém; é pura e simplesmente uma pallida pintura do que se passa em certo meio social.

— Ah! se o senhor entende que póde descrever tudo quanto se passa na sociedade, arrisca-se a ser denunciado á justiça por offender a moralidade publica.

— Pois saiba, dona Henriqueta, que tenho outro conto em continuação daquelle.

— Sim? E como se intitula?

— Incruento.

— Que máu titulo!

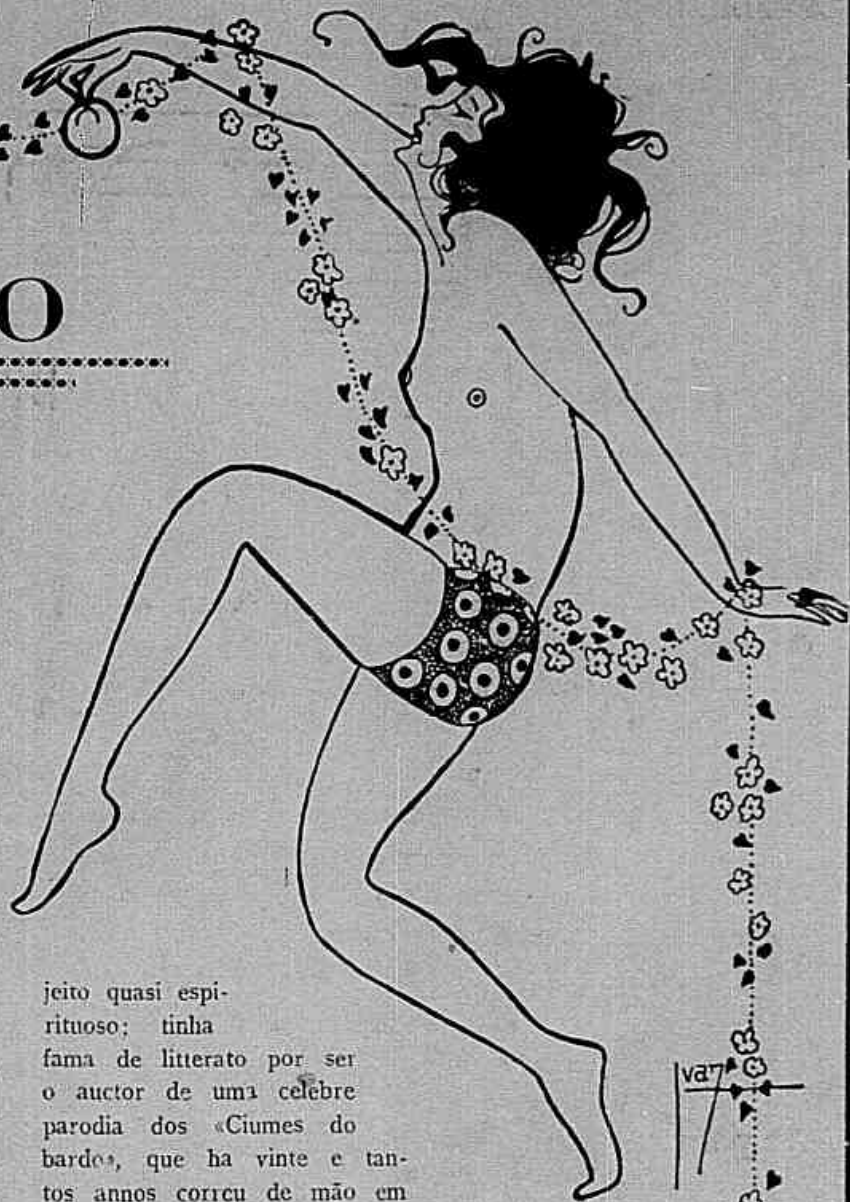
— E' um titulo como outro qualquer. A acção desse conto passa-se no dia seguinte ao do casamento do primeiro caixeiro com a filha do patrão.

— Conte-me isso, mas pelo amor de Deus não me faça corar...

— Oh! dona Henriqueta, pois não tem ahí o seu leque?

— Vamos lá!

— O guarda-livros do commendador era um su-



jeito quasi espi-rituoso; tinha

fama de litterato por ser o auctor de uma celebre parodia dos «Ciumes do bardo», que ha vinte e tantos annos correu de mão em mão da rua Direita á Prainha;

foi até certo tempo collaborador assiduo do «Almanack de lembranças», e não havia outro como elle para fazer um «puf» carnavalesco, ou satyrisar em quadrinhas qualquer honrado negociante que, a instancias da senhora, adquirisse um titulo nobiliarchico. Mas a grande reputação litteraria do guarda-livros provinha principalmente de uns velhos alexandrinos de sua lavra, intitulados «Combates de amor», alexandrinos que na praça toda a gente sabia de cór.

— Bom; como já lhe conheço as manhas, meu amigo, adivinho que esse poeta vae ser o amante da mulher do primeiro caixeiro.

— Não adivinha tal! Esse poeta era considerado um oraculo na casa commercial do commendador. Todos, patrões e caixeiros, o consultavam amiudadas vezes. Elle era sempre o arbitro nas frequentes questões grammaticas e philosophicas suscitadas entre o pessoal do armazem e o do escriptorio. Todos ali reconheciam a sua enorme superioridade intellectual!

— Admira que nunca passasse de guarda-livros.

— O primeiro caixeiro era uma victima da erudição desse homem, que tinha o especial gostinho de empregar na conversação vocabulos cuja significação o outro não entendesse, só para vel-o abrir e folhear soffregamente um dos cinco grossos volumes do dicionario de Frei Domingos Vieira, enfileirados numa velha estante do escriptorio, entre o «Codigo Commercial» e o «Canual Mercantil». Hoje era um «apanagio», amanha um «collario», depois um «fastigio», ou outra qualquer palavra menos usual, que obrigava o pobre diabo a essas consultas, aliás louvaveis, ao lexicographo.

— Aonde quererá o Senhor chegar com isso?

A ROUPA BRANCA

Conto de BATU-ALLAH

Era corrente em todo o bairro da Gavea, a partir da lagoa Rodrigo de Freitas, que o sr. Amancio de Rezende Vianna morria de amores pela mulher.

— Aquelle ainda acaba fallido, — diziam as más linguas da redondeza; — e, quando elle não tiver mais dinheiro, ella o atirará ás moscas!

Rezende Vianna tinha, effectivamente, uma loucura por Dona Livia. Não havia desejo seu, por mais imprudente, que elle não o satisfizesse. Joias, chapeos, vestidos, nada, absolutamente, he era recusado. E estava nessa phase de adoração, que era nelle requente, quando a moça lhe pediu, pelo telephone:

— Amancio, manda-me alguma roupa branca; ouviste?

E accentuou:

— Umás camisas, umas calças, uns «soutien-gorge», umas «combinações».

Prompto, sempre, a realizar os caprichos da companheira, o capitalista correu a uma casa da rua do Ouvidor, e pediu, no genero, o que havia de melhor. Caixas e caixas desceram das prateleiras, e, duas horas depois, recebia a linda senhora uma collecção de roupas de interior, que era, mesmo, uma maravilha de arte e de gosto.

Um a um, como a agua que pinga da pedra e se esconde no chão, de onde não volta mais, passaram-se os dias. E haviam decorrido já dois mezes sobre esse episodio da roupa, quando o coronel Gregorio Godinho, o ficial do Exército que residia, com a familia, na vizinhança de Amancio, foi procurá-lo no seu escriptorio.

— O senhor por estes lados? Que novidade é essa? — indagou, risonho e communicativo, o dono da casa.

Grave, solemne, a corrigir o bigode grisalho com violentas deda-das nervosas, o coronel pediu a Amancio uma entrevista, ás



sós, para uma conversa particular.

— E' negocio do seu exclusivo interesse! — acrescentou.

E uma vez sosinhos, um ao lado do outro, começou o coronel a sua gravissima exposição. Pae de amília, com duas filhas solteiras e uma esposa inacatavel, morava nas vizinhanças d'elle, Rezende Vianna, sem nunca prestar attenção aos vizinhos. Dias antes, porém, tendo de verificar se o que estava na bandeira da janella do seu quarto era, mesmo, um b zouro, puzera junto ao «store» uma pequena mesa, e trepara, para chegar ao vidro. Ao olhar, porém, casualmente, para a casa vizinha, quasi rolara ao chão, com o que vira. Esregou os olhos, para certificar-se, e constatou a verdade: na residencia d'elle, Rezende Vianna, estava dona Livia unicamente de camisa, no quarto de dormir, e, ao lado d'ella, admirando-a com cara cynica, um rapaz de bigode raspado, em quem reconheceu, logo, o auditor de guerra, dr. Catunda Colombo!

A essas palavras, o capitalista desatou n'uma gargalhada.

— Coitada da Livia!... — dizia, nos intervallos do riso. — Que tollice! Quanta vaidade!...

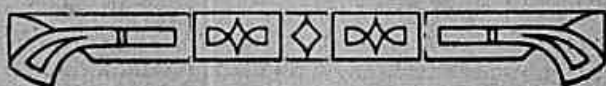
— O senhor acha graça? — estranhou o official insultado. — O senhor acha graça, então, de uma coisa tão seria?

— Coitadinha! — tornou Amancio, compungido, enxugando a humidade dos olhos, nas ceadas aquelle accesso de riso. — Eu lhe explico, meu caro senhor! E' que eu offereci á minha mulher, ha pouco tempo, umas camisas de seda que eram um mimo, um encanto, um deslumbramento.

E olhando o official, as mãos nos joelhos:

— E o senhor acha que, quem tem uma roupa branca como a que eu dei a minha mulher, não a possa mostrar a ninguem?

Batu Allah



THEATRO BOCCACIO

AMOR E CHÁ

COMEDIA EM 1 ACTO DE JAN RICHORA

Personagens: Diniz — Raphaelino e Nestor.

ACTO UNICO

Na Exposição — No chá japonês.

SCENA UNICA

Diniz — Raphaelino e Nestor. — (Uma geisha acabou de servir o chá e se retira fazendo uma reverencia).

DINIZ (suspendendo a colherinha na ponta dos dedos, como quem expõe um boneco) — Mulheres... meus amigos... é preciso trazê-las sempre assim suspensas... no ar... por um fio de fantasia... (num movimento, fazendo voltar a colherinha) são como borboletas que giram em torno de uma chama — o homem.

RAPHAELINO — Está falando em linguagem de cronista mundano... O bric-à-brac do amor... A feira da futilidade...

DINIZ — Oh!!...

RAPHAELINO — Binoculo! Isso é um simples monoculo. O cronista d'agora é um cyclope... Só tem um olho... nesse, elle assenta o monoculo da banalidade e olha, com o mesmo olhar de critico, a velhusca e adiposa Mme. X... com maquillage de 30 annos e cabellos negro-figaro; a magricela senhorita Y... de 24 annos de idade, que se veste como enfant de «Sion» e depila as axillas com gilette; a menina Z... de 13 annos, sans-dessous e sem pudor, que anda pela Avenida sacudindo o busto, a tremelicar os seios como pombos alvoroçados... Para elle tudo é elegancia social, tudo se mistura e se nivela, coado no mesmo raio visual de sua vidraça...

DINIZ — A arte é a fantasia; a fantasia é o amor.

RAPHAELINO — E' ainda o monoculo a funcionar, apanhando duas cousas maravilhosas para fazer uma phrase ôca, destinada a ser lida com enlevo pelas torcedoras de foot-ball... (Voltando-se para Nestor). Quer ver como elle define o amor?! (para Diniz). Vamos! Diga lá... Que cousa é o amor?

DINIZ (Com um sorriso inexpressivo) — O amor... O amor...

RAPHAELINO (para Nestor) — Vae ver como elle nos despeja em cima um soneto do Carlos Magalhães...

DINIZ — O amor... é uma fantasia.

NESTOR — De Pierrot?

RAPHAELINO — De arlequin... Qual, Diniz!... Você não sabe... Nunca você amou... Ah! está

NESTOR — Elle terá razão talvez. Em cada homem o amor é um caso. Cada um o define segundo o que sentiu e o que viveu.

DINIZ (para Nestor) — oiça então o seu caso.

NESTOR — O amor é uma tortura do bem que se deseja. — Amar é esperar a ventura.

NESTOR — Não é amor: é delirio.

DINIZ — E depois?...

NESTOR — Depois... eu não sei... Espero ainda.

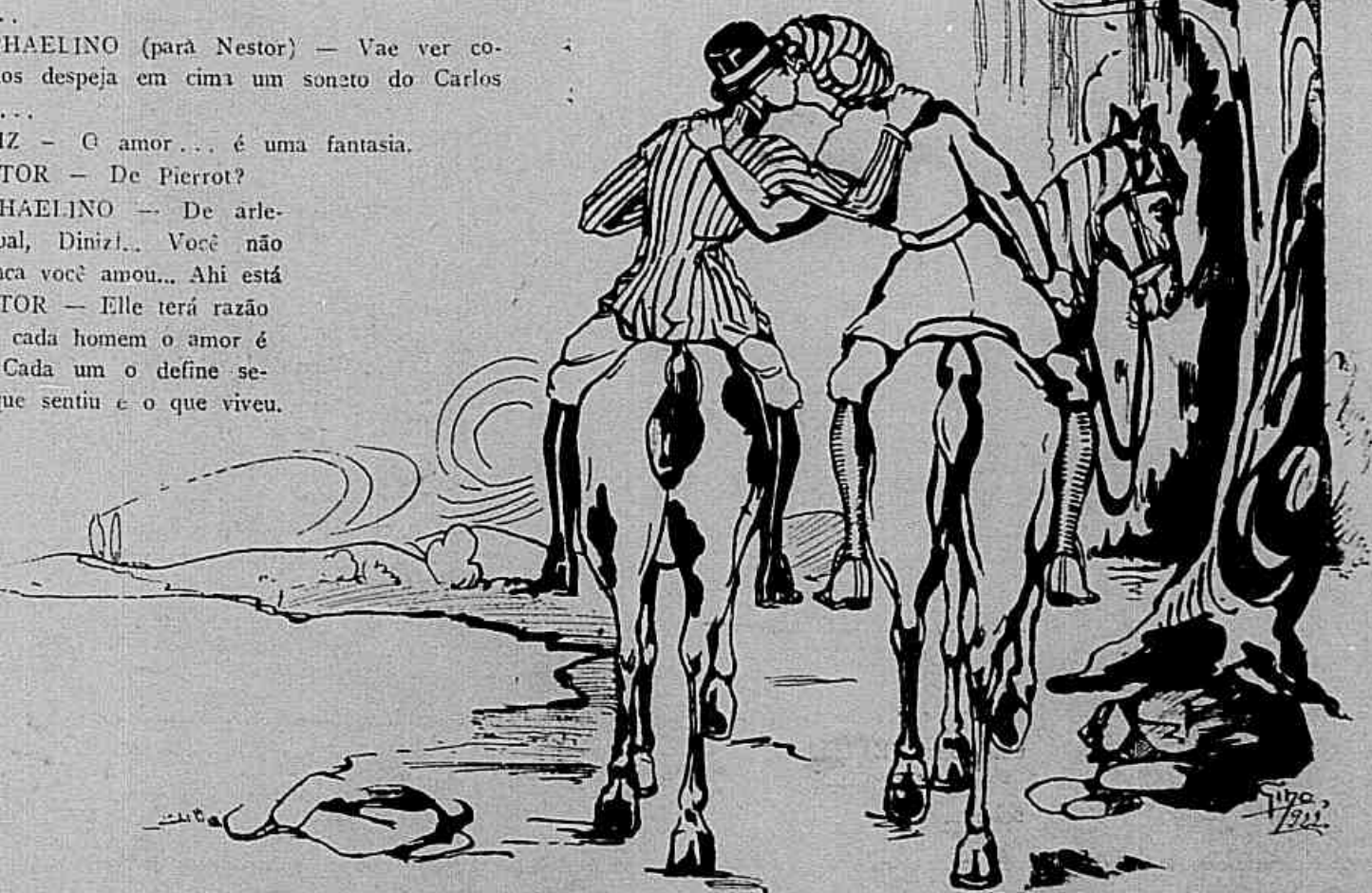
RAPHAELINO (sorrindo com ironia) — Amar é esperar...

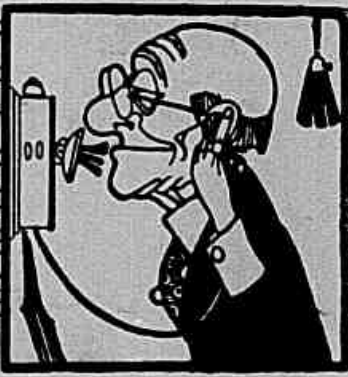
DINIZ — Seria melhor fantasiar, em vez de esperar sem esperança.

NESTOR — Sem esperança?... Porque? Se eu penso como Zamacois: — On doit avoir l'espoir. On doit avoir la foi, Tant qu'on n'a pas laissé L'azur derrière soi.

RAPHAELINO (depois de sorver um gole de chá) — Tudo isso é lirico e é bellissimo. Mas eu sou realista... Commigo é ali no duro...

NESTOR — Blagueur!...





Dieta desequilibrada

Raul Pederneiras, que esteve doente durante alguns dias, appareceu, de repente, na Avenida.

— Você já está bom? — indagou Raphael Pinheiro.

— Eu, não.

— E como já está na rua?

Raul chegou a bocca ao ouvido do outro, e explicou.

— O meu medico recommendou-me dieta. Lá em casa reduziram-me a alimentação ao minimo: uma perna de gallinha, por dia.

E justificando-se:

— Como é que eu podia me sustentar, um dia inteiro, com uma perna só?

As pêras do deputado

Poucos dias antes de embarcar para a Europa, o deputado Celso Bayma entrou na Casa Carvalho, na Avenida, encaminhando-se para o mostruario de fructas verdes.

— Lindas pêras!... — exclamou. — A como são?

— Vinte e cinco mil réis a duzia.

(Conclusão de Mestre Incruento)

— Tenha um pouco mais de paciencia: vou terminar. — No dia seguinte ao do casamento, o primeiro caixeiro (que já então era socio) apresentou-se no escriptorio com um sorriso de triumphador. Todos os empregados o cumprimentaram com muita effusão: apenas o poeta dos «Combates de amor», muito entretido com o seu «Diario», não deu pela presença d'elle.

— E o noivo?

— O noivo approximou-se do guarda-livros, e impingiu-lhe uma phrase que trazia já estudada: — Sr. Santos (o poeta chamava-se Santos), tive tambem o meu combate de amor -- Não duvido, respondeu o Santos sem levantar os olhos do «Diario»; não duvido, mas foi um combate incruento.

Dona Henriqueta abriu o leque...

— Incruento! pensou o noivo; que diabo será «incruento»? — E atirou-se ao terceiro volume do dictionario de Frei Domingos Vieira.

— Pobre homem!

— E leu: «Não cruento, em que não ha effusão de sangue.»

— Embrulhe duas duzias.

Enquanto acondicionava as fructas, o empregado procurou travar palestra com o freguez.

— A esposa do sr. doutor gosta de pêras?

— Não sei.

E como o empregado arregalasse os olhos:

— As fructas estão compradas; e como é mais facil, hoje, no Rio, arranjar uma dama para casar do que uma pêra para offerecer-lhe, vou, agora, procurar uma mulher que goste de pêras!

E sahio, com o embrulho no dêdo.

Modestia

Os dois jovens medicos, membros de uma famosa missão á Europa, são inseparaveis. Frequentadores da Colombo, sentam-se a mesma mesa mas têm, sempre, gostos differentes. Ha dias, tratavam de mulheres.

— Eu sou louco por uma mulher que adora o luxo, o movimento, as festas; em summa, eu gosto da mulher mundana! — affirmava o clinico.

— Pois, eu sou mais modesto, — atilhou o operador. — Basta-me a metade.

E explicando-se:

— Eu me contento com a «demi» — «mondaine»!

Dizia o frade alguma coisa mais; o noivo, porém, dispensou o resto, fechou o livro, sahio do escriptorio, e nunca mais quiz graças com o guarda-livros.

Arthur Azevedo

Para molestias da Pelle



Dr. Eduardo França

EXIR DE
SROQUEIRA

do pharmaceutico-chimico JOÃO DA SILVA SILVEIRA
Grande depurativo do sangue — Para syphilis e suas
terríveis enfermidades.

USAE! USAE! USAE!

grade...

DINIZ — Peor um pouco.

RAPHAELINO — Qual peor, «seu» Diniz! O Nestor tem razão... e ganhou a partida...

DINIZ — Como? Se ella até respondeu...

RAPHAELINO (interrompendo) — Ah! está... Respondeu. Não é preciso mais nada. Quando a mulher despreza — não responde. O amor só responde ao amor. A borboleta somente pousa onde encontra o mel.

DINIZ — Fantasia... Juro que a borboleta não pousou.

Z NESTOR — Realidade, sim. Está pousada no meu coração. E agora, respondam: — quem mais amou dos tres?

RAPHAELINO — O meu amor é um raio que acaba num gemido.

DINIZ — O meu é um sorriso que fantasia a vida.

NESTOR — O meu é um desejo que vae para o futuro.

RAPHAELINO — Dos tres qual o melhor?

DINIZ (para Raphaelino) — O teu é a morte... E' o nada na hora em que viveu.

RAPHAELINO (para Diniz) — O teu é a fantasia... E' o castello na areia... O castello no ar...

NESTOR — O meu é torturado... mas é goso que não acaba mais: é o infinito...

RAPHAELINO — Vamos... Beba o seu chá, que já deve estar frio.

NESTOR — Eu não bebo jamais... Só aspiro o perfume... Receio sempre encontrar ao fundo um travo que envenene.

DINIZ — Eu o bebo já frio... Gosto que o sirvam bem quente, por que elle alimenta a minha causerie enquanto arrefece... O chá é um assumpto...

RAPHAELINO — Pois eu o bebo quente... Bem bem e bem forte e o sorvo de uma vez... para poder repetir — repetir — repetir... (batendo levemente com a colherinha no pires) meninal... Outro chá!... (fincando o monoculo e examinando a geisha que se approxima). Bem boa rapariga... com esses olhos de amendoas... Amor... só no Japão... Amor... é como ali... casar todos os dias.

JAN FICHOA

Sobre
Joias, cau-
telas do
Monte do
Socorro
mercado-



rias que representem valor
emprestam

Casa forte a prova de fogo e arrombamento

Vianna Irmão & C.

28 E 30, PEDRO I,

(Antiga Espirito Santo)

Teleph. Central 6176

PESO NO ESTOMAGO?
INDIGESTÕES? NAUSEAS?
DYSPEPSIAS? AZIAS?
COLICAS? FIGADO?
INTESTINHOS?
PESO NA CABEÇA?
ANSIAS? ENJÓOS?
FALTA DE APETITE?
FLATULENCIAS?
ENXAQUECAS?
TONTEIRAS?...

USAE O
DIGESTYL
EFFECTO SEGURO

CONSESSIONARIOS
S. FARIAS & CIA
RUA MAJOR AVILA, 67
DEPOSITARIOS
DRUG RIBEIRO MENEZES & CIA
Rua Uruguayana, 91
DRUG. BAPTISTA
Rua dos Ourives, 30



RESURREIÇÃO
DAS FORÇAS
UNICAMENTE
COM O REI DOS
FORTIFICANTES
RAPIDO.
KOLA CARDINETTE
THE
PALISADE
MANUFACTURING CO
EUA
YONKERS-N.Y.
CAIXA DO CORREIO-1907.
RIO DE JANEIRO

RAPHAELINO — Amor é o presente em que amamos... em que vivemos.

DINIZ — Amor é o passado... E' a saudade do bem que se perdeu, e que vivemos a imaginar qual se existisse ao nosso lado... Eis por que digo que o amor é fantasia.

RAPHAELINO — Amor é realidade. Agora por exemplo.

DINIZ (com a chicara de chá suspensa) — Que?! Um novo caso?

RAPHAELINO — O meu amor é uma renovação — Il faut finir pour recommencer...

DINIZ — Agora... por exemplo está você desabrochando um novo botão de rosa...

NESTOR — Quer dizer... está desabotoando um novo botão de blusa...

RAPHAELINO — Uma creatura encantadora que eu conheci em Petropolis, no ultimo verão.

RAPHAELINO — Somente a conheci no dia em que sahia para S. Paulo. Agora... regressando... foi fulminante.

DINIZ — Depois...

RAPHAELINO — E' só. O amor é o raio. Dizia o velho Horacio que somente se acreditava no Jupiter Tonante.

DINIZ — E você Nestor? Não tem tambem um caso?

NESTOR — Já que estamos na mythologia deixem que lhes diga que o meu caso é de Apollo. Ha nelle uma lyra.

DINIZ — De Apollo ou de Orphêo?

RAPHAELINO — Lyra... somente a da tabella, que nos augmenta o dinheiro.

DINIZ — Vamos ao caso do Nestor...

NESTOR — Apaixonei-me por uma creatura...

RAPHAELINO — Quem é ella?

NESTOR — Chama-se... qualquer nome.

RAPHAELINO — Faço questão do nome.

DINIZ — Póde fantasiar.

NESTOR — Pois bem fantasiemos; chama-se... Lindonor.

DINIZ — Bello nome para uma novella amorosa.

RAPHAELINO — Adeante!

DINIZ (curioso) — Como a conheceu?

NESTOR — Um acaso. Estava em companhia de uma camarada commum.

DINIZ (fazendo reportagem) — Quem é essa camarada commum?

RAPHAELINO — De logo o nome ás nymphas.

DINIZ — Se não quer dizer pode fantasiar... Terá o sabor da realidade.

NESTOR — Pois bem... chamemos Zuzu, a camarada.

RAPHAELINO — Adeante!

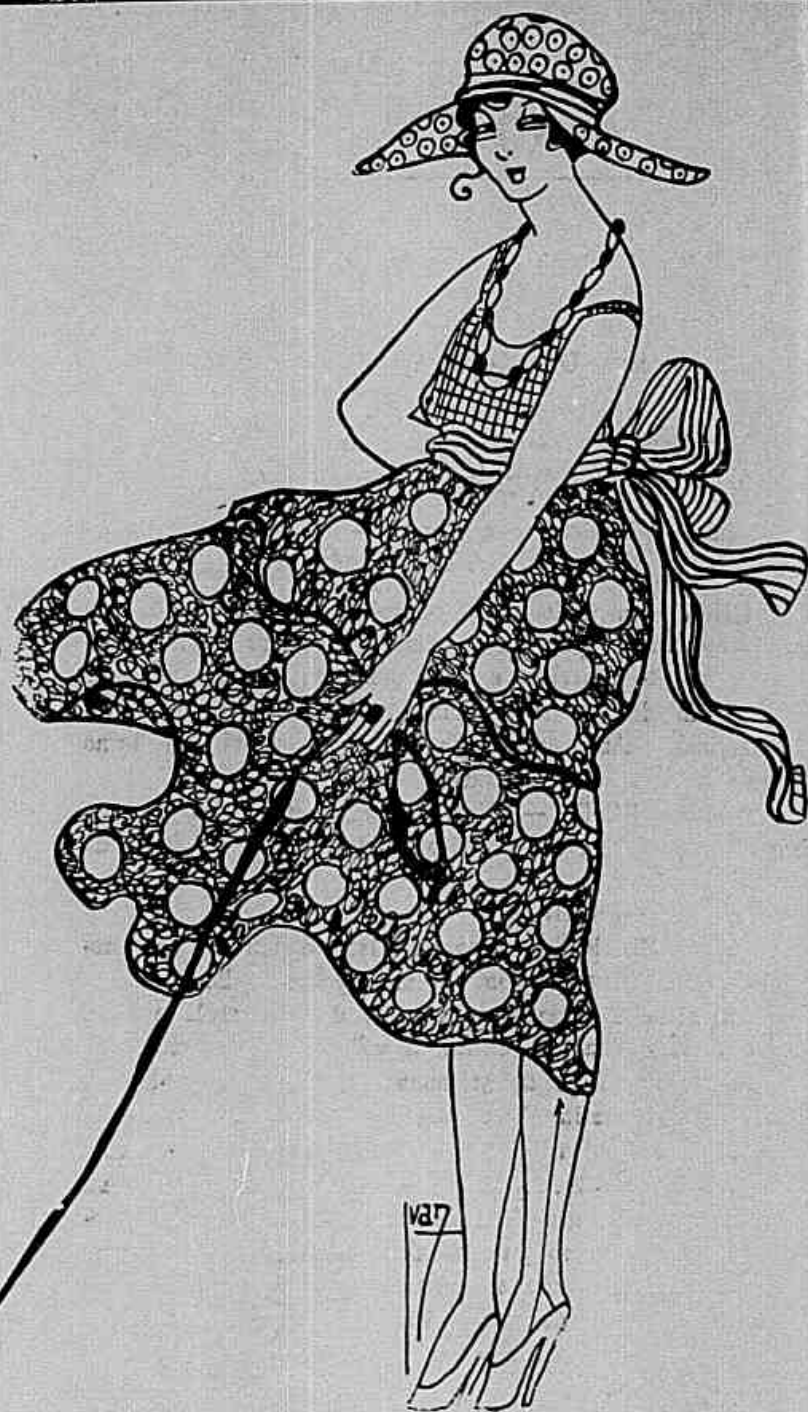
DINIZ — Adeante! Não! Atraz... Zuzu é uma senhora ou uma senhorita?

NESTOR (hesitando) — E'... é... uma senhora.

RAPHAELINO — Adeante!

DINIZ — Atraz ainda... um pouco. E Lindonor?

NESTOR — Essa é... é solteira.



RAPHAELINO — Adeante! De uma vez...

NESTOR — Foi repentina a paixão.

DINIZ — Paixão ou amor?

NESTOR — Amor é uma tortura... E paixão... é Calvario.

DINIZ — Quando se está apaixonado...

RAPHAELINO — Quando se está casado...

DINIZ — E ella sabe?

NESTOR — Pela Zuzu... a quem me confessei.

DINIZ — E ella que diz?

RAPHAELINO — Que fez?

NESTOR — Disse, apenas, num sorriso de esphynges... que eu fosse tocar harpa nas grades do Passeio Publico...

DINIZ (rindo) — Ah!... Ah!... Ah!...

RAPHAELINO (sério, ficando o monoculo) — Interessante o caso... Vamos lá... E você? Que fez?...

NESTOR — Eu?... Obedeci. Estou tocando harpa...

RAPHAELINO — E' lyrico; mas deve acabar ferindo os dedos...

DINIZ — Virou Orphêo...

NESTOR — Apollo... quer dizer, Vou levando meu amor num carro de sol para o coração della.

RAPHAELINO — Como são pittorescos os lyricos!

DINIZ — E ainda dizem que sou eu o fantasista...

NESTOR — Qual lyrico, qual fantasista! Sou mais realista que o proprio Raphaelino... Pois não repararam na resposta de Lindonor?

DINIZ — Como?! Se ella mandou tocar harpa na grade do Paseio Publico!...

NESTOR — E'... Mas o Passeio agora não tem



Sedas As grandes Novidades da Estação de Verão **Sedas**

Sedas

Sedas

N'
Notre
Dame de
Paris

Sedas

Sedas

Sedas

Sedas

Sedas

Sedas

Ninguém vende por tão modicos preços! **Sedas**

O melhor presente
DE
Anno Novo

Gravatas de luxo

O stock mais bello e a
padronagem mais variada
V. Ex. encontra na
Casa ESTRELLA
OUVIDOR, 134

DR. JULIO VIEIRA

Ouvidos, Nariz e Garganta

Consultas diarias das 2 ás 6 — Rua da Assem-
bléa, 41 - 1.º; Telephone Central, 4803 — Residencia:
Hotel Majestic, Praia de Botafogo, 384 — Telephone:
Sul 931.

DOENÇAS DOS OLHOS, OUVIDOS, NARIZ
E GARGANTA

Dr. Raul David de Sanson

Consultas diarias das 2 ás 5 — Consultorio, rua
S. José 43, 1.º andar — Telephone C. 5197 — Resi-
dencia: Ribeiro de Almeida, 21 - Laranjeiras — Tele-
phone: B. M. 527.

INSTITUTO LABORDA

BLÉNORRAGIA

Os casos chronicos e recentes podem ser
curados radicalmente em curto praso
por methodo biologico

Director clinico:

Dr. J. FARIA

Consultas: das 8 1/2 ás 11 e das 13 ás 17 horas
HOMENS E SENHORAS

Rua S. José, 5-1º and. Tel. Central 5168

RIO DE JANEIRO



FOGÕES A GAZ ALLEMÃES

(De Junker & Ruh-Karlsruhe)

Com os afamados queimadores economicos paten-
teados — Esmaltados de Branco, Nickelados,
Elegantes e Solidos, Limpeza absoluta. —
Universalmente conhecidos como os
mais economicos.

Geladeiras de todos os tamanhos

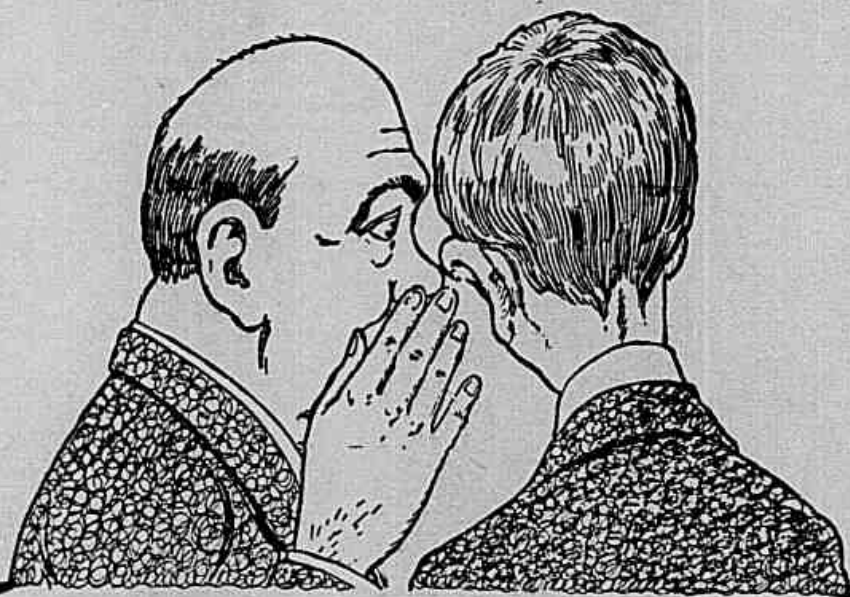
Sabonete SANITOL

é o preferido para o banho e toilette

Unicos depositarios: OTTO SCHUBACK & C.

Rua Theophilo Ottoni, 98

Telephone Norte 6773 RIO DE JANEIRO



FALLE BAIXO...

USE

Injecção Glycerina

de ABREU SOBRINHO

RUA DA LAPA, 6 - RIO

FIGURAS NACIONALES

FRANCISCO VALLADARES



Estava o professor Benedicto Valladares na Parahyba do Sul, no Estado do Rio, exercendo a sua advocacia, quando em 1876 lhe nasceu um filho, a que deu o nome de Francisco. Era forte, risonho, rochinchudo. E vinte annos depois, estava o Francisquinho, ou o Chico, na Faculdade de Direito de São Paulo, de onde sahio formado em 1897.

Nomeado promotor da comarca de Pomba, em Minas, seguiu para alli, assumindo o cargo. E o que foi a sua vida, entre a gente de Pomba, não ha quem não se lembre na região, onde todos os labios se entreabriam á approximação do joven mandatario da justiça. Vinte e tantos annos passados, ainda é geral a opinião, na comarca:

— Dos promotores que puzeram o pé na Pomba, nenhum gostou tanto como o dr. Valladares!

E era uma verdade. A sua passagem pela graciosa cidade mineira, influuiu, de modo decisivo, no seu destino. Depois disso, andou elle por varios paizes, exercendo os cargos mais elevados; o seu pensamento estava, porém, alli, na Pomba, de modo a abandonar tudo, toda a vez que pensava nella.

O clima, alli, não era, entretanto, dos melhores. Enjoado do lugar, de onde sahira doente do estomago, arranhou a sua transferencia para Juiz de Fôra, cuja promotoria foi occupar. E foi ahi que conheceu Antonio Carlos, com o qual estabeleceu, logo, o seu escriptorio de advogado.

Antonio Carlos era, por esse tempo, chefe do situacionismo local, que possuia como órgão o «Jornal do Commercio». Alliado a elle, Valladares olhou para o outro lado, apaixonando-se por uma linda moça, filha do chefe da opposição. E de tal maneira se equilibrou entre a razão e o sentimento, que foi eleito, pelos dois partidos, deputado estadual, no governo Francisco Salles.

Desejoso de notoriedade, o seu primeiro acto consistiu na apresentação de uma moção politica, nomeando uma comissão para saudar, no Rio, o presidente Rodrigues Alves. E, seis annos depois, derrotado no seio do proprio partido, regressava a Juiz de Fôra, onde já era dono do «Jornal do Commercio», comprado a Antonio Carlos, e do «Pharol», comprado ao sogro, e onde a sua advocacia começava a se irradiar, actuando, simultaneamente, no fôro e na imprensa.

A campanha a favor da candidatura Hermes foi encon-
trando com esses dois baluartes, e já com uma fortuna consideravel, que lhe dava, na região, um certo prestigio. Corajoso, decidido, poz-se ao lado do Marechal, atacando o seu competidor, o grande Ruy, com uma virulencia incommum. Um dos seus artigos, intitulado «O affrontador», ficou celebre nos annaes da imprensa mineira, não, talvez, por si mesmo, mas pela formidavel resposta que o gigante lhe deu, na sua famosa conferencia politica de Ouro-Preto. Tãmanha foi, porém, a actividade do antigo promotor de Pomba perante o eleitorado de Juiz de Fôra, que o Marechal, derrotado em varios municipios do Estado, sahio victorioso, de modo esmagador nesse poderoso reducto do civilismo.

Grato a Francisco Valladares, convidou-o o Marechal para seu companheiro de viagem á Europa. Andaram juntos por lá, olhando a altura dos palacios, e, um dia, o velho soldado prometeu-lhe, num aperto de mão:

— Você vai ser chefe de Policia no meu governo... Sabe?

De posse da noticia, o moço mineiro tocou-se para o Brasil, contentissimo. E estava no Rio, a 14 de Novembro de 1910, á espera da nomeação, quando o Marechal o chamou, compungido:

— Sabe? E' impossivel o que lhe prometti em Paris.

E baixando a cabeça:

— O Rivadavia e o Azeredo impugnaram o seu nome...

Essa noticia não modificou, entretanto, a attitudão do saudoso promotor de Pomba. Encolhido, regressou á sua cidade mineira, atirando com os seus dois canhões jornalisticos; e estava alli, no seu posto, quando o Marechal o arrebanhou numa excursão politica, trazendo-o para o Rio, onde cumpriu, afinal, a sua palavra, entregando-lhe a chefia de Policia.

Assim como os bois, o peor para esfolar, nos governos, é o rabo. E o governo Hermes estava já no rabo, quando Francisco Valladares tomou assento, irrequeto, na rua da Relação. E o que elle teve de enfrentar, dil-o o convite que recebeu, certa noite, no Assyrio, do seu amigo Herculano de Freitas.

— Vamos ao Cattete, — disse-lhe o ministro, o charuto no beijo.

E, meia-hora depois, recebia Francisco Valladares um decreto, com estas palavras complementares:

— Você tem que cumprir isto, custe o custar.

E batendo-lhe no hombro:

— E' um estado-de-sítio elegantissimo: decretado á meia noite, e de «smocking»!

De posse do papel, o chefe de Policia do Marechal não teve meias-medidas: fechou os jornaes que atacavam o governo, mettu os jornalistas no xadrez, e, como não houvesse nada mais a fazer, accendeu o charuto, e ficou com o ministro, dar o seu passeio, para as bandas do Leblon. Chapéo em cima dos olhos, charuto á bocca, passavam, os dois, a noite inteira, numa vida encantadora.

— E' uma delicia o Sítio! — dizia Herculano, riudo.

E Valladares, deliciado com a tranquillidade do sítio:

— Devia ser eterno, isto!

A suspensão das garantias não foi, entretanto, eterna. Restabelecidas as leis, e soltos os jornalistas, o dr. Valladares, que viera para a Policia com os olhos na Camara federal, fez-se candidato avulso, em Juiz de Fôra. Tal foi, porém, a «revanche» dos jornaes, que elle, que era dono do eleitorado, sahio clamorosamente batido nas urnas, e certo, pela primeira vez, de que um dia é da caça, e outro do caçador...

Não ha muito tempo, esse espirito de represalia reapareceu grotescamente, num caso policial: accusavam-no de ter assassinado um «chauffeur», dando-lhe na cabeça com uma pedra, que era, exaggero á parte, pouco menor que o Pão de Assucar. A justiça achou, felizmente, a insinuação tão graciosa, que reproduziu o gesto do criminoso: poz uma pedra em cima dos autos, matando o processo.

O tempo conseguiu, porém, attenuar o pensamento de vingança, dos jornalistas presos em 1914. Os aggravos foram esquecidos, e, candidato mais uma vez, foi eleito, e reconhecido. E ahi está, hoje, na Camara, onde despense uma actividade de assombrosa, ora em discursos incendiarios, que são verdadeiras labaredas de rhetorica, ora em projectos simpaticos, como o que repatriou os restos do Imperador, e o que manda levantar, agora, uma estatua a Pinheiro Machado, mestre e seu amigo.

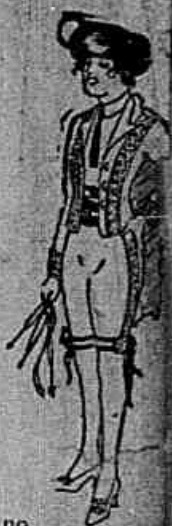
Mundano de boa marca, é louco pelo tango, pelas festas, pelas damas. Na rua, se vê uma nuca bem á pressa o passo, até vê o lado da frente. E como não confie em si mesmo, pede, sempre, a opinião do amigo que o acompanha:

— Quem é... Heim?... Bem boa... Não é?

E funga deliciado, olhando, afflictio, para traz.

Esse defeito era, porém, fatal, em um homem tão illustre. Elle é um predestinado. Não foi o destino mesmo que lhe traçou a conducta, fazendo que elle começasse a sua carreira, ha vinte annos, na... cidade em que foi promotor?

Rodin



EXPEDIENTE:

"A MAÇA"

Semanario illustrado. — Director: Conselheiro X. X. — Proprietario:
Humberto de Campos. — Redacção: Rua SACHET, 28.

Estados:		Capital:	
Anno	25\$000	Numero avulso	\$500
Semestre	15\$000	• atrozado	\$600
Numero avulso	\$600		

Ext-rior:

Porte simples		Registrado	
Anno	20\$000	Anno	60\$000
Semestre	30\$000	Semestre	35\$000

Agentes para os Estados:

Livraria LEITE RIBEIRO. — Rua Bethencourt da Silva, ns. 15, 17 e 19

Tabella para Annuncios:

1 pagina	200\$000	1/8 pagina	35\$000
1/2 "	110\$000	Capa a duas côres	450\$000
1/4 "	60\$000	• • trez "	600\$000

Tratar directamente na gerencia com o Snr. João de Abreu.

Telephone N. 4594

AO COMMERCIO

Está autorizado a contractar annuncios com illustrações para esta revista, especialmente para o numero de anniversario, o sr. Manlius Mello (Ivan), que com os interessados ajustará o preço de accordo com o desenho a executar.

Comprem todos os mezes

O MUNDO LITERARIO

Magnifica e victoriosa revista do movimento
cultu al no Brasil

Directores: PEREIRA DA SILVA e THÉO-FILHO

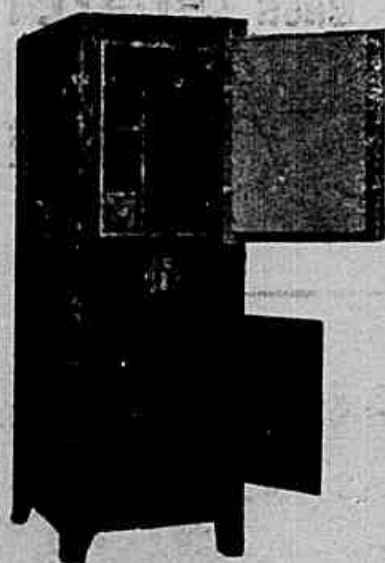
Secretario: AGRIPPINO GRIÉCO

Collaboração dos maiores escriptores brasileiros.
Só publica ineditos. Traz a resenha do movimento
literario nos paizes europeus e nos estados da União.
Cada exemplar de 130 paginas: 2\$000, e 2\$500 no
interior.

EDITORA

A Grande Livraria LEITE RIBEIRO

Porque V.S. deve preferir o cofre moderno "MINERVA"



Porque é construido segundo os precitos
da mais moderna technica —

Porque a sua resistencia tem sido comprovada
em violentos incendios (attestados á dis-
posição) —

Porque é o producto de uma casa de respon-
sabilidade —

Visitem minhas exposições a

Rua da Quitanda 156 e 158

Palacio das Industrias

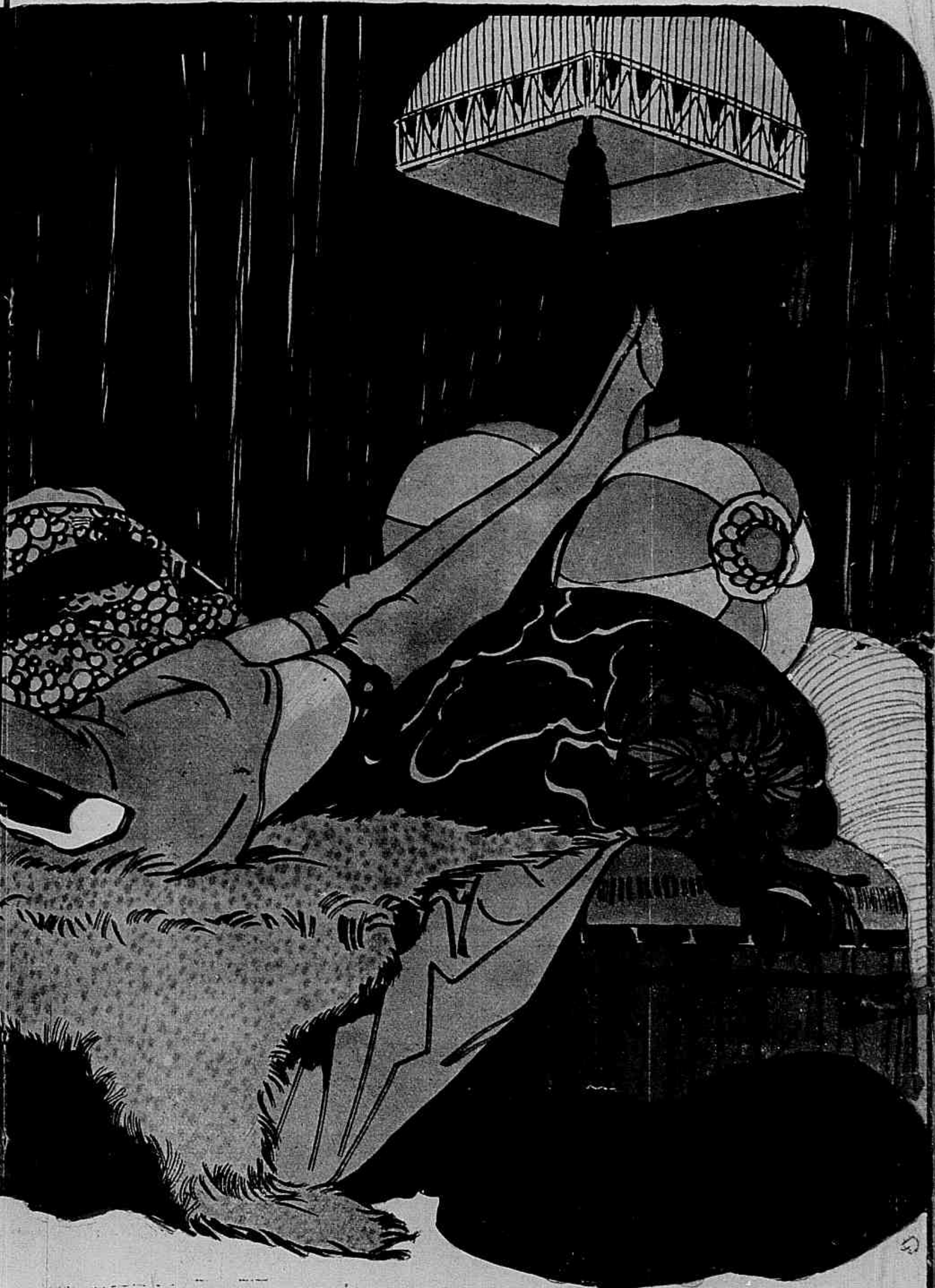
Pavilhão das Grandes Industrias Nacionais

CASA JOHN ROGER

Agente geral das Machinas de escrever Smith & Bros,
Hammond, Multiplex mimeographo "Edison-Dick" etc. etc.



TENTAÇÃO



Tenha pena de sua esposa e de seus filhos

TOME

O ELIXIR "914"

Em cada 10 nascimentos, 9 crianças nascem mortas quando os paes são syphiliticos. Evita-se a mortandade tomando o ELIXIR «914». 95 % dos abortos provém da Syphilis. De cada 100 individuos com syphilis 90 estão propensos á tuberculose. O ELIXIR «914» é um tonico poderoso contra essa terrivel molestia. Tratar da syphilis sem injeccões e sem atacar o estomago é o tratamento ideal. E isso só se consegue usando o ELIXIR «914». O ELIXIR 914» é usado nos hospitaes e receitado pelos grandes especialistas em syphilis. Não ataca o estomago, não contem iodureto. Agradavel como um licor. Vehiculo 240,0 3 colheres por dia.

Em todas as Pharmacias e Drogarias



— H E B E —

PÒ DE ARROZ DA MODA
ADDERENTE E PERFUMADO

Caixa 2\$500 — pelo Correio 3\$200

VENDE-SE EM TODA A PARTE

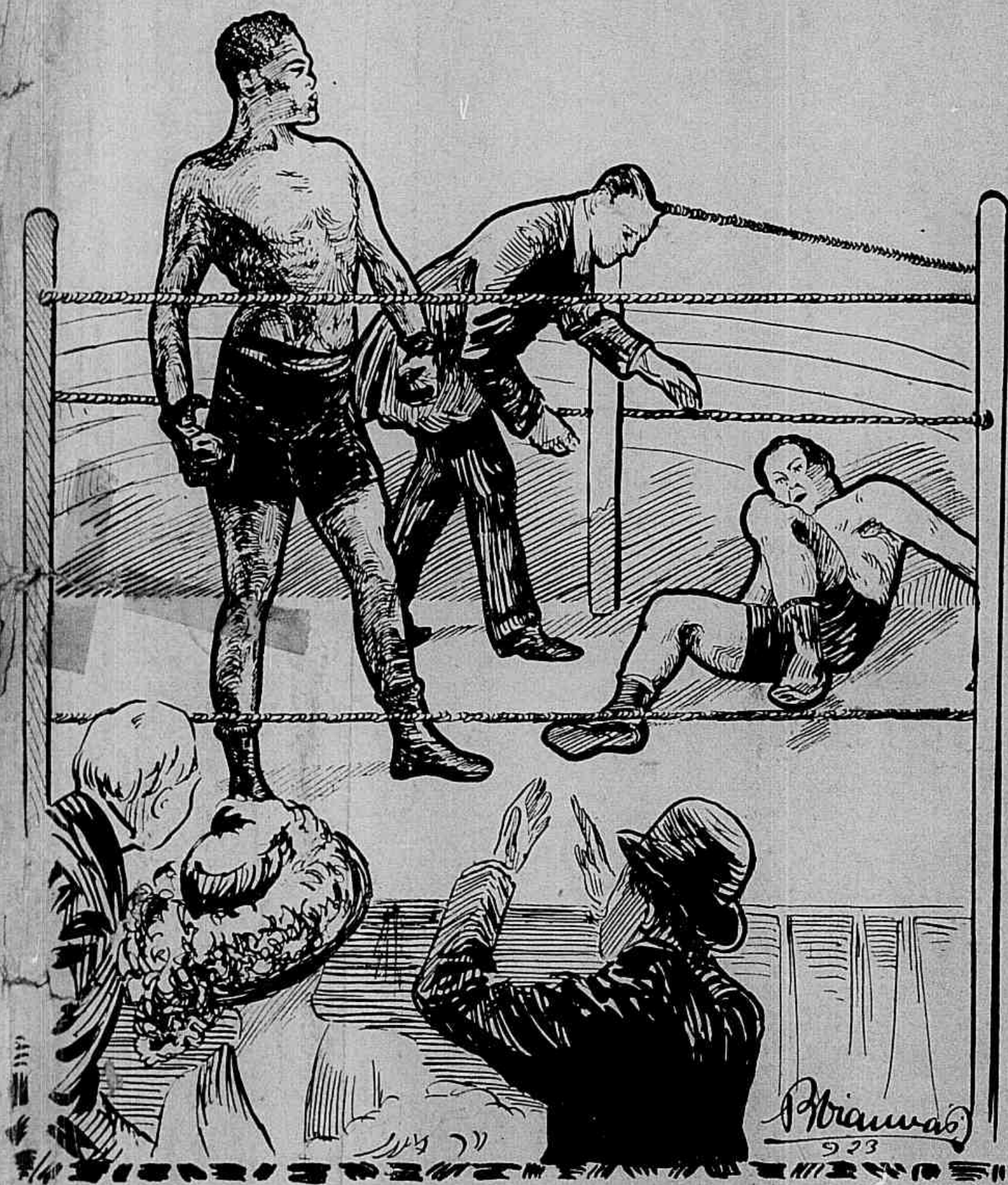
Deposito Perfumaria Lisboa — OUVADOR, 55 — RIO

TALCO BORICINADO SILVA ARAUJO

BABY-FLORA

PARA CRIANÇAS E ADULTOS
CONTRA AS IRRITAÇÕES DO CALOR

O PRETO NO BRANCO



Flagrante do «match» de «box» que se realizou sabbado passado, nesta capital, entre o preto Góes Netto e o luctador portuguez Tonny Santos, sahindo vencedor o primeiro.